

ENTRE HISTÓRIA E HISTÓRIAS: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE LEITURA E O DESEMPENHO ESCOLAR.

Edilaine Grzygorczyk ¹

Luiz Fernando Cerri ²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu de um projeto anterior de iniciação científica, realizado dentro do Programa de Educação Tutorial – PET, o qual envolve ensino, pesquisa e extensão, tendo por um dos objetivos trabalhar com comunidades periféricas. Dentro de um projeto de extensão realizado pelo grupo, na qual trabalhávamos com escolas de periferia, nasceu a ideia de trabalhar com a questão da biblioteca escolar.

Escrever sobre história não é apenas falar sobre o passado. Não é necessário esperar que os fatos vividos há duas horas, dois anos ou duas décadas façam parte de um passado quase remoto para se falar deles como história. É isso o que discutem alguns teóricos desde fins da década de 1970 (CHAUVEAU & TÉTARD, 1999), quando a história do tempo presente se impôs abrindo espaço ao contemporâneo. Os acontecimentos a partir do segundo terço do século XX em diante passaram a fazer parte da categoria da história do tempo presente.

Esse modo de lidar com a história nos permite analisar o passado através da situação atual de seu objeto. Ao trabalhar com a história do tempo presente, foca-se no testemunho, que pode tomar a forma de uma análise e assim formar interpretações. Partindo desse modo de abordagem iremos, na presente pesquisa, abordar a questão da leitura nos dias atuais.

A leitura tornou-se um objeto de inserção na sociedade. Em múltiplas atividades de nosso cotidiano necessitamos saber ler e interpretar, como, por exemplo, quando precisamos pegar um ônibus, ler uma receita de bolo, ou quando nossos filhos trazem um bilhete da escola. A leitura se faz presente nas situações mais banais de nosso dia a dia, e sem ela corremos sérios riscos de ficarmos excluídos e até mesmo a mercê do sistema que rege nossas vidas.

A leitura além de ser uma maneira de obter conhecimento é uma forma de lazer, à qual todos têm direito ao acesso. Porém, desde os primórdios da história da leitura vemos que seu acesso foi dificultado à imensa maioria das pessoas. Por detrás dessa privação está a educação, que sempre foi falha e, em grande parte da história, privilégio apenas das elites. Nos dias atuais ainda encontramos resquícios desse histórico, quando, por exemplo, observamos como a educação é tratada pelo sistema governante, quando reparamos no estado em que se encontram as escolas públicas, quando vemos o holerite bancário de um professor,

¹ Graduada em História (Uepg). E-mail: edi_gregorski@hotmail.com

² Orientador. Doutor em Educação (Unicamp). Professor do Departamento de História e do Programa de Mestrado em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

quando passamos a prestar atenção no preço dos livros e nas situações das bibliotecas públicas e escolares, quando vemos a quase inexistência de projetos envolvendo a leitura, dentre outras coisas.

Perguntamo-nos então o motivo desse descaso quanto à educação e consequentemente à leitura. Se ela é tão importante em nossa vida, porque vemos tão pouca atenção daqueles que são responsáveis por ela?

A educação crítica, a leitura de mundo dentro da escola, intimida. O saber ler faz com que o indivíduo questione. O governo ainda é tecnocrático (SILVA, 1983). Isso não é algo novo, assim como o desleixo em relação à leitura também não o é, uma vez que a leitura por parte dos despossuídos é vista pela elite como uma ameaça a ela própria, como afirma Ezequiel Silva.

Muitas das ações reproduzidas na escola podem ser reflexo da ideologia daqueles que se encontram no poder, quando vemos, por exemplo, a partir de Michael Apple (1989) a questão da reprodução de profissionais conforme suas classes sociais. E como isso pode ocorrer? Através do currículo oculto, que se compõe por práticas implícitas do currículo normal da escola, que repassam aos alunos o interesse dos que estão no poder, através de gestos do professor, das metodologias por ele aplicada, pelas filosofias adotadas pela escola. Tudo isso é feito de forma inconsciente, pois a escola e os professores também são vítimas dessa forma de dominação. O que deve ficar claro, porém, é que dentro da escola existem ferramentas para que haja a emancipação desses indivíduos, pois a escola não é apenas um espaço fechado de produção. O que se faz necessário é identificar essas ferramentas e fazer uso delas juntamente com o do material didático.

É a partir de ações como as do currículo oculto que se abrem brechas para ser exercido, ou a perpetuar um “controle” sobre as massas, uma vez que a quantidade de bens culturais e educacionais que serão disponibilizados à população não são controlados diretamente por eles próprios; e muitas das ferramentas para que o indivíduo consiga ultrapassar as imposições que lhe são postas também não se encontram em suas mãos, conforme aponta Silva. Como o indivíduo irá então conseguir vencer a alienação à qual está sendo submetido? Trabalhamos na

presente pesquisa com a leitura, que entendemos ser um desses instrumentos para que o indivíduo passe a questionar aquilo que lhe vem sendo apresentado, e assim, se achar necessário, ultrapassar essas medidas.

Frente à necessidade do sistema de moldar profissionais conforme a classe social ou ascendência familiar dos sujeitos – necessidade presente desde tempos muito remotos – o governo, que também é um instrumento deste sistema, tende a começar a estabelecer esse propósito ainda no período escolar do indivíduo. Por isso é neste espaço – a escola – que observaremos como a leitura pode interferir no desempenho dos alunos. Focaremos a leitura de caráter recreativo, ou seja, aquela realizada pela vontade própria do aluno, e não a determinada pelo professor³. Veremos como e se ela pode interferir no rendimento escolar das crianças. Para tanto iremos utilizar os registros de saída de livros da biblioteca escolar, pois ela é um espaço em que podemos realmente “acompanhar” a leitura dos alunos. Além de que a biblioteca escolar é um espaço que pode exemplificar o desleixo das autoridades em relação à educação.

Para que a pesquisa fosse possível de ser realizada, visitamos três escolas públicas e de periferia na cidade de Ponta Grossa. Nas duas primeiras não conseguimos obter um resultado positivo, uma vez que a primeira escola não guardava o registro de retirada de materiais da biblioteca, e a segunda escola não contava sequer com uma⁴. Conseguindo alcançar nosso objetivo apenas na terceira escola que visitamos. Nela verificamos que a biblioteca estava em pleno funcionamento e que eram guardados os registros de saída de material desde o ano de 2009. Para realizarmos então um trabalho sequencial, acompanhamos as quatro quintas séries da escola do ano de 2009 até o ano de 2012 quando os alunos em questão encontram-se na oitava série.

Para podermos perceber a influência da leitura recreativa no desempenho dos alunos, usamos as fichas de empréstimo dos livros da biblioteca e os registros das notas, trabalhando com as médias anuais desses alunos na disciplina de história. Matéria essa escolhida por exigir geralmente uma considerável quantidade de leitura dos alunos. Feito um levantamento dos alunos que retiraram ao menos um livro da biblioteca escolar e daqueles que não o fizeram

3 Em relação à leitura recreativa, não podemos ter certeza, em nosso trabalho, de quando a leitura assumiu um caráter recreativo, ou de quando ela foi feita a designio escolar. Porém, como nem todos os alunos com os quais trabalhamos nesses quatro anos possuem ficha de empréstimo, podemos supor que a grande maioria dos empréstimos foi feito a designio recreativo.

4 Biblioteca no sentido de um espaço físico. Ou seja, a escola em questão não contava com um espaço próprio para a biblioteca, e o material correspondente a mesma ficava guardado em duas estantes localizadas na sala de informática, as quais permaneciam trancadas a chave.

durante os quatro anos trabalhados; mapeamos- os e traçamos a partir de suas médias o papel que a leitura recreativa exerce nos seus desempenhos finais.

Dos livros, das leituras e dos leitores.

É sabido que grande parte da população brasileira não tem o hábito da leitura de livros inserido no seu cotidiano. O estímulo deste hábito é mais eficaz quando iniciado desde a infância, através da influência familiar, que faz com que a leitura não seja encarada como uma obrigação, como muitas vezes acontece mais tarde, com o ingresso das crianças na escola. Porém, a escola também tem um papel fundamental no desenvolvimento deste hábito, tanto para os alunos que já trazem de casa algum contato com os livros quanto aos que só irão descobri-lo no ambiente escolar.

Este déficit em relação à leitura está intimamente ligado com a própria história da leitura e dos livros, na qual podemos perceber que sempre houve alguns fatores limitadores do acesso direto da maior parte da população aos textos escritos.

O livro já teve vários suportes: primeiramente, encontrado na forma de pergaminho/rolo, modo no qual o contato com ele ficava restrito apenas ao ato da leitura, já que não se podiam fazer anotações enquanto se lia. Posteriormente, progredindo e facilitando a vida das poucas pessoas que tinham este contato, passou para a forma de códex ou códice, em que os manuscritos eram gravados em madeira. Na Idade Média esses manuscritos passaram do suporte da madeira para as folhas, que eram então dobradas e costuradas; e, com o tempo, surgiu uma nova técnica que era fundada sobre as prensas e os tipos móveis: a invenção de Gutenberg – o livro passou a ser impresso, como nos informa Chartier (1998).

Com a Revolução de Gutenberg o custo do livro diminui, pois as despesas são distribuídas na totalidade de tiragens. A partir daí a história do livro começa a ter relação com a da leitura, já que, com o aumento significativo do número de livros, mais pessoas puderam ter acesso a eles. A leitura que primeiramente era reservada apenas a alguns setores da sociedade vai lentamente tornando-se popular, devido a alguns fatores como, por exemplo, a maior facilitação da circulação que o escrito em forma de livro gerou, e frente também à branda, mas existente, popularização da educação. Como nos mostra

Chartier: “é, de fato, nesses séculos decisivos nos quais o livro copiado à mão é progressivamente substituído por aquele composto com caracteres móveis e impresso que se fortificam gestos e pensamentos que são, ainda, os nossos.” (CHARTIER, 1994, p. 7), gestos e pensamentos estes que também variaram com o período vivido, que tiveram fins distintos, que se transformaram, e que se mantiveram, são hoje objetos dessa análise.

A visão sobre o livro e o ato de ler foi se modificando com o passar do tempo. Os textos em muitas ocasiões restringiram seus leitores, ao mesmo tempo em que muitas vezes os leitores tomaram liberdade com seus textos, segundo aponta Robert Darnton (2010, p. 216). Essa relação instável, de restrição e aproximação do homem com o livro e a leitura, passou por muitas fases, como, por exemplo, nas segregações de obras: alguns impressos eram criados para circular apenas em determinada classe social. Existiam aqueles que circulavam entre a burguesia, aos quais os camponeses não poderiam ter acesso, e os que eram produzidos apenas para o consumo dos camponeses. E essas obras geralmente eram distintas, sendo que alguns títulos eram reservados apenas às elites.

Mas esta segregação nem sempre foi respeitada. Cópias manuscritas não deixaram de ser feitas após a realização de Gutenberg. Desta forma, aqueles livros que eram proibidos, ou então censurados, eram reproduzidos manualmente e secretamente, e circulavam por entre as classes mais baixas, ou entre aqueles que não tinham acesso àquela determinada leitura. Quando ocorrido isso, essas obras que eram copiadas, para circular entre as demais classes populares, perdiam seu prestígio entre os leitores da elite, pois na visão deles ela havia se popularizado e perdido seu valor, como nos aponta Chartier (2004).

Outro meio de estas obras seletivas chegarem até a população de classe baixa foi através da Biblioteca Azul, que reeditava os livros feitos para a elite com uma linguagem mais simplificada e com a inserção de gravuras, o que ajudava a aproximar a leitura dos camponeses. Podemos citar aqui um exemplo de como a leitura era restrita, através do autodidata beneficiário da Biblioteca Azul Valentim Jamerey-Duval, que, sendo de família pobre, não teve acesso à escola, aprendeu a ler através do contato com as gravuras dos livros azuis, e desta maneira adentrou àquele mundo que tão longe lhe parecia estar – o mundo dos livros e da leitura. Ou seja, a leitura chegava às classes mais baixas, mas de uma

forma “clandestina”.

As formas como a leitura era realizada também se modificaram com o tempo, e até mesmo serviram para distinguir os indivíduos. Quando falamos de forma nos referimos, principalmente, à leitura oral e silenciosa. Como vemos em Chartier, “compreendida como um processo de longa duração, a diferença entre leitura oral e leitura silenciosa também pode ser entendida como um índice das distâncias socioculturais em uma determinada sociedade.” (CHARTIER, 2001, p. 82). O modo como a leitura é realizada influencia nas relações de cultura dos indivíduos, mas não apenas isso, ela também era uma característica que poderia representar o caráter sócio-econômico da população:

Na sociedade antiga, duas representações contraditórias permitem ver, no quadro ou na estampa, e ler, na confissão ou na ficção, as situações de leitura: a primeira, dominante, reconhece a leitura como ato de foro privado por excelência, da intimidade subtraída ao público; a segunda faz dela um ceremonial coletivo, em que uma palavra mediadora é leitora para os iletrados ou mal letrados. (CHARTIER, 2001, p. 90)

A leitura silenciosa é relacionada com a intimidade, representada, por exemplo, pela figura feminina fazendo a leitura recolhida em seu quarto, ou seja, uma representação de um personagem de classe alta, uma vez que ele se encontra no aconchego de seu quarto, ou num belo jardim, muito diferente da representação do espaço rural ou do espaço ocupado por aqueles de classe mais baixa. Já a leitura em voz alta é posta como um compartilhamento de informação/conhecimento/prazer para aqueles que não têm acesso ao mundo das letras, que vem a ser representada na figura do orador e dos curiosos ou familiares ao seu redor.

Porém, deve-se deixar claro que essas distinções no modo de ler não eram regras que definiam a classe social. Como vemos em Chartier, nas sociedades do Antigo Regime:

Na época, ler em voz alta era uma forma de sociabilidade compartilhada e muito comum. Lia-se em voz alta nos salões, nas sociedades literárias, nas carruagens ou nos cafés. A leitura em voz alta alimentava o encontro com o outro, sobre a base da familiaridade, do conhecimento recíproco, ou do encontro casual, para passar o tempo. No século XIX, a leitura em voz alta voltou-se para certos espaços. De início, o ensino e a pedagogia: fazendo os alunos ler em voz alta, procurava-se paradoxalmente controlar sua capacidade de ler em silêncio, que era a própria finalidade da aprendizagem escolar. Lia-se ainda em, voz alta nos lugares institucionais como a igreja, a universidade, o tribunal. Durante todo um período do século XIX (ao menos na primeira metade), a leitura em voz alta foi também vivida como

uma forma de mobilização cultural e política dos novos meios citadinos e do mundo artesanal e depois operário. Em seguida, esvaziaram-se numerosas formas de lazer, de sociabilidade, de encontros que eram sustentados pela leitura em voz alta. Chega-se à situação contemporânea em que a leitura em voz alta é finalmente reduzida à relação adulto-criança e aos lugares institucionais. (CHARTIER, 1998, p. 143)

Quando entre os camponeses da Inglaterra do início da Era Moderna, essas leituras partilhadas geralmente eram de livros que traziam histórias sagradas, como a Bíblia ou relatos da vida dos santos, diferente das leituras que ocorriam entre as classes mais altas, que abordavam temas relacionados ao seu cotidiano. Ou seja, até mesmo a temática das leituras era diferente entre as classes sociais. Já as leituras particulares não focavam num gênero específico. Liam-se simultaneamente vários livros, uma leitura descontinuada, como podemos ver no modelo que Darnton nos mostra dos livros de lugares-comuns, que são aqueles que contêm trechos de obras lidas e comentários de quem os leu, de modo a serem aplicados em seus cotidianos.

A partir dessa metodologia da leitura simultânea, vemos em Chartier que houve uma dessacralização da leitura, que vem a se tornar uma:

Leitura laicizada, porque as ocasiões de ler se emancipam das celebrações religiosas, eclesiásticas ou familiares e porque se espalha um contato desenvolto com o impresso, que passa de um texto a outro e que não tem mais respeito para com os objetos impressos, amassados, abandonados e jogados. (CHARTIER, 1998, p. 86)

Mesmo com a dessacralização da leitura, o seu acesso não se tornou mais amplo em questão de abrangência populacional. A leitura continuou a ser privilégio quase que exclusivo dos letrados. Para tanto vale lembrar que os letrados eram aqueles que pertenciam às classes mais altas, ou que tinham um maior poder aquisitivo.

Esse modo de leitura segmentada foi substituído então no século XVII por uma leitura sequencial. A ascensão do gênero romance estimulou nos leitores o hábito de ler os livros atentamente e do início ao fim. Os hábitos de leitura novamente se transformam, e com a dessacralização da leitura agora ocorre uma dessacralização da palavra impressa. Conforme Darnton:

Os hábitos de leitura se transformaram no final do século XVIII. Antes da Leserevolution, os leitores tendiam a estudar laboriosamente a Bíblia. Depois dessa revolução, passaram a consumir vorazmente todo tipo de material, buscando entretenimento em vez de edificação. Essa passagem da leitura intensi-

va para a extensiva coincidir com uma dessacralização da palavra impressa. O mundo começou a ficar abarrotado de material de leitura, os textos começaram a ser vistos como mercadorias tão descartáveis quanto o jornal do dia anterior. (DARNTON, 2010, p. 216)

Ou seja, o livro deixa de ser definido como uma peça rara, como um objeto sagrado, que deveria pertencer apenas aos que se consideravam dignos de sua posse. Finalmente os indivíduos, indiferentemente da sua classe, começam a ter um maior acesso a esse material. Nesse mesmo século, “poder-se-ia também evocar o contraste que se revelou, no século XVIII, entre leitores de um tipo antigo – que reliam mais do que liam; e leitores modernos, que agarravam com avidez as novidades, novos gêneros, novos objetos impressos – o periódico, o libelo, o panfleto” (CHARTIER, 1998, p. 92). Com essas novas proezas, e agora com um número maior de indivíduos que poderiam ter um acesso mais livre aos livros, podemos supor que as demandas de tiragens também aumentaram.

A história da leitura passa a ser também a da liberdade na leitura, tanto nos modos, como no público. A leitura anteriormente destinada ao saber, no final do século XVIII, ganhou mais uma finalidade: o prazer, a recreação. Ganhou também um “novo público”.

Se no século XVIII a leitura passa a ser tratada de maneira mais aberta, seria de imaginar que um número cada vez maior de pessoas começasse a cultivar esse hábito. Porém, em relação aos leitores pouco se alterou, pois ainda faltavam ser implementadas as condições básicas para que a leitura pudesse ocorrer, a exemplo disso citamos a educação.

Com essa ampliação do universo da leitura floresce um medo, que era o do excesso de livros. Esse medo concretiza-se no século XIX, mas suas raízes estão presentes desde antes disso, pois a multiplicação de livros já vinha sendo garantida pela invenção de Gutenberg. No século XIX ocorreu uma crise, após a segunda revolução industrial do livro, entre os anos de 1860 e 1870, quando se abandonou o modo de produção iniciado por Gutenberg e se entra na era do monotipo⁶ e depois na do linotípico⁷, o que ocasiona uma superprodução devido à industrialização da atividade gráfica.

E como manter essa produção? Alguns falam

ser isso um problema, pois ocasiona a necessidade de escolhas e triagens; já outros têm uma visão positiva em relação a essa grande produção, pois assim poderiam armazenar esses saberes, como foi o caso da construção da biblioteca universal, que era o sonho de reunir em um só espaço todos os saberes acumulados até então, e também aqueles que ainda não existiam. Bem sabemos que isso é impossível, mas foi graças a esses sonhos de acumular os saberes que foram construídas as livrarias e as bibliotecas.

As bibliotecas, por sua vez, já existiam bem antes disso, desde o ano 5000 a.C. na Mesopotâmia, destinadas à guarda e ao manuseio de todo tipo de material escrito. Desde o momento de sua criação teve diversas características, como a de ser um local que representava uma dominação cultural, pois, novamente, só os letrados a frequentavam; ou ainda como um local de encontro; como representação de riqueza e de prestígio. Foram públicas e privadas, e a partir do século XVII passaram a ser abertas ao público. Nos dias de hoje encontra-se em diversos locais, em residências privadas, escolas, universidades, algumas empresas e espaços abertos ao público.

Sobre a leitura, no século XIX tem-se um aumento no número de leitores, devido ao crescimento geral da alfabetização e do uso do material impresso, como vemos a partir de Ribeiro (1984). Dentro desse aumento no número de leitores estão operários, mulheres, e crianças, que antes não estavam inseridos no grupo de leitores. Às mulheres eram destinadas leituras de romances, revistas e livros de culinária; já os operários, devido às reduções das jornadas de trabalho, utilizaram-se da leitura como uma fonte de prazer; e em relação às crianças, tinham contato com a leitura através das escolas.

Também no século XIX foi oficialmente permitida, pela monarquia portuguesa, a utilização de prelos no Brasil. Essa produção cultural começou tardivamente no país, pois em outros locais essa conquista já era antiga. Além disso, havia ainda mais problemas, como Lajolo e Zilberman destacam:

Além de tardia, a implantação da imprensa na então colônia Lusitana constitui uma medida isolada, não tendo sido secundada pela criação e consolidação

6 Modo de impressão baseado nas prensas onde uma figura era passada para o papel através de um suporte de metal, ou material plástico

7 Máquina inventada na Alemanha em 1886, que baseava-se em fundir em blocos cada linha de caracteres tipográficos, composto de um teclado como o da máquina de escrever. As letras deveriam ser escolhidas e montadas uma a uma nesse teclado; e sua capacidade de produção era de seis a oito mil toques por hora.

de instituições e instrumentos necessários à difusão dos produtos impressos. Continuavam faltando escolas, bibliotecas, gabinetes de leitura, livrarias, jornais, editoras. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1991, p. 129)

Com essa informação podemos supor que os leitores não eram muitos, pois o acesso aos livros era difícil, já que até então era necessário importá-los; fato esse que designa tempo e recursos financeiros, o que pode vir a diminuir o número de leitores. O número de tiragens também era escasso, e uma segunda edição somente era realizada anos depois (FERREIRA, 2012). Outro fato é a precariedade de uma política educacional que dotasse o país de escolas, o que é prejudicial quando se trata da formação de um novo público de leitores.

A história da leitura tem relação com a escola na medida em que, até os dias de hoje, é neste espaço que grande parte dos indivíduos tem seu primeiro contato direto com os livros e com a leitura, através do processo de decodificação das palavras, das leituras que os professores realizam aos alunos nos anos iniciais da escola, dos livros didáticos, do contato com os livros na biblioteca escolar.

Ainda no século XIX se instauraram no Brasil os gabinetes de leitura, os quais funcionaram como as primeiras bibliotecas populares e públicas no país. Esses gabinetes tinham à sua frente acadêmicos da faculdade de Direito. As leituras realizadas nestes espaços vinham na contramão da igreja, que até então selecionava e indicava os livros àqueles que tinham acesso. O modo de leitura que se dava nos gabinetes permaneceu até meados do século XX. Vemos então mais um impedimento em relação à leitura, uma vez que até certo ponto, era a igreja quem indicava o que ler e como ler.

No século XX o impresso, que tanto demorou para se inserir e a conquistar seu público, começou a perder espaço para os meios audiovisuais, pois se considerava que estes levavam a uma mais rápida decodificação do que estava sendo tratado. Podemos citar também o fato de que, de certa maneira, os meios audiovisuais colocavam os indivíduos em contato com a leitura, mesmo que indiretamente, mediada através das rádios novelas, por exemplo. Talvez, devido a isso o indivíduo se sentisse mais acomodado a ponto de não ler ou diminuir a quantidade de leituras em material impresso.

Nas últimas décadas do século XX, com a ex-

pansão da tecnologia digital, por meio da rede mundial de computadores, surgiram novos “suportes de leitura que se somaram ao formato do livro impresso. Os discos rígidos, disquetes, CD-Rom, multimídia, mostraram-se como novas alternativas para o ato da leitura.”, conforme Ribeiro (1984, p. 11). Com esse modo de leitura, o leitor perdeu o contato com a materialidade do livro, trocando-a pela imaterialidade da tela. Ainda conforme o mesmo autor: “perde-se o contato físico e íntimo como o texto no qual todos os sentidos do leitor participam do ato de ler.” (RIBEIRO, 1984, p. 11). Ademais, o computador leva facilmente grande parte das pessoas a distrair-se e a realizar mais de uma coisa ao mesmo tempo, sem dar atenção necessária a nenhuma delas, o que muitas vezes acaba por prejudicar ou inviabilizar a qualidade de uma leitura aprofundada através dele.

Nos dias de hoje essa revolução tecnológica tem-se intensificado cada vez mais. A tela dos computadores está em muitos casos ganhando a preferência de muitos indivíduos em relação ao papel. No entanto, isso não é sinônimo da extinção de leitores de material impresso. Existe público para os dois materiais, embora em alguns casos os outros meios pareçam mais atraentes do que os livros, principalmente nos casos que envolvem jovens, adolescentes e crianças.

Neste longo percurso da história da leitura ela não se consolidou somente como uma prática, como Regina Zilberman (2012) propõe. Ela veio a ser um critério para se adentrar e a participar da sociedade; tornou-se um produto da escola, servindo para distinguir o homem culto e alfabetizado do “ignorante” e analfabeto. Além do fato de ter implicações diretas no cotidiano das pessoas, como por exemplo, para ler uma receita, ou pegar um ônibus.

Porém, mesmo tendo ganhado esse caráter de prática indispensável, a leitura vem decaendo nos últimos anos, de acordo com a pesquisa realizada pelo Pró-Livro em parceria com o Ibope Inteligente, apontada no site da ABRALE – Associação Brasileira de Autores de Livros Educativos (ABRALE, 2012). Aponta-se que o número de leitores passou de 55% para 50% da população, entre os anos de 2007 e 2011⁸. Por leitores entende-se aqueles que leram ao menos um livro nos últimos três meses.

Como já mencionado, a família e a escola têm um papel fundamental no que se trata da formação

⁸ A pesquisa foi realizada em 315 municípios, entre 11 de junho e 3 de julho de 2011; onde foram ouvidas 5012 pessoas com idade superior a 5 anos. A margem de erro da pesquisa é de 1,4 ponto percentual.

de um novo público de leitores. A influência da escola no hábito de ler é clara na pesquisa apresentada pela ABRALE (2012): “entre os entrevistados que estudam, o percentual de leitores é três vezes superior ao de não leitores (48% vs. 16%). Já entre aqueles que não estão na escola, a parcela de não leitores é 50% superior a de leitores: 84% vs. 52%”. Partindo desta pesquisa vemos também que o número de leitores jovens/adolescentes que se encontram em período escolar também diminuiu. Entre pré-adolescentes de 11 a 13 anos a média de leitura passou de 8,5 à 6,9 livros ano, e entre adolescentes de 14 à 17 anos de 6,6 para 5,9 livros ano.

Especula-se que um dos motivos dessa queda da porcentagem do número de leitores esteja associada à falta de estímulos por parte da família. Por outro lado, o desinteresse familiar com relação à leitura faz parte e é consequência de um contexto político e sociocultural que, historicamente, não dá à democratização da leitura a importância devida.

Em outras palavras, a família sofre e reproduz o descaso com a leitura que é cultural e que tem dificuldades de se resolver porque grande parte das políticas para a difusão da leitura não são tão eficazes como deveriam, por fatores que vão desde a sua elaboração até a sua execução e fiscalização (SILVA, 1995).

Podemos observar que grande parte de leitores de hoje em dia são jovens; que a renda familiar pode influenciar na leitura já que quanto maior o poder aquisitivo maior o número de leitores; além de que a escolaridade exerce maior influência sobre o ato de ler. O número de leitores ainda é baixo entre a população brasileira, e esse número tem decaído com o passar dos anos. É verdade que a falta de estímulo familiar seja um dos fatores que influenciam na falta de interesse pela leitura, pois se o indivíduo não tem influências dentro de casa, se ele não vê um familiar lendo ou comprando um livro, pode acabar achando que ler é apenas uma obrigação escolar, já que o livro não é um objeto comum em seu cotidiano. A escola, no entanto, é uma das principais responsáveis por proporcionar esse estímulo, isso devido ser ela, em muitos casos, o local onde o aluno terá seu primeiro contato com os livros, além de que a leitura é um dos fundamentos básicos da escola. Pois diferente dos séculos anteriores, onde a leitura e a escrita eram práticas distintas, e que não era necessário aprender uma para aprender a outra, nos dias de hoje a leitura não se desassocia do escrito. Mas como isso pode ocorrer se em muitos casos nem com uma biblioteca a escola conta?

Apesar da validade deste questionamento, a má estrutura física e material das escolas não pode responder sozinha pela influência no processo de não formação e de não estímulo de novos leitores. O problema da leitura envolve muito mais do que isso. Em muitos casos a escola possui uma lista de obras já pronta para repassar a seus alunos durante o ano letivo. E essa lista é construída sem a participação e sem a opinião daqueles que serão seus beneficiários. Desta maneira ela pode conter livros que não serão do seu agrado, seja pelo seu gosto literário, seja pela diferença sociocultural entre a realidade do aluno e da qual o livro trata, seja pelo nível cognitivo que ele exige da criança.

Além de que quando se trabalha a partir dessa metodologia o contato com os livros ganha um caráter de imposição e obrigação. Essa pode ser também uma das causas para a queda do número de leitores. No entanto, não pretendemos propor que não se deve oferecer aos alunos os livros tradicionais das literaturas que causem o choque cultural e social (pois a escola é um lugar onde deve ocorrer o contato dos alunos com a riqueza das diversidades culturais) nem que a escola deve suavizar seu papel educacional (pois nem tudo o que faz parte do processo de aprendizagem na escola é algo necessariamente prazeroso). Pretende-se sim chamar a atenção para o fato de reconhecer a realidade dos alunos, reforçando-a, levando-a em conta quando se trabalhar a leitura na escola.

Outro obstáculo em relação à leitura é o currículo escolar que também já tende a vir pronto, e na maioria dos casos não abrange todos os alunos de uma escola, devido a eles pertencerem a diferentes culturas e condições sociais. Essa forma de currículo, como Michael Apple (1989) e Peter McLaren (1977) discutem, é o currículo oculto, que tende a reproduzir e produzir: reproduzir a ideologia de uma cultura tida como dominante, e assim produzir profissionais conforme sua classe econômica, não oferecendo perspectivas de mobilidade social. Esse currículo funciona através de práticas e ações, ou seja, modos de comportamento do professor, maneiras como a matéria é reproduzida em sala de aula, orientações e valores que são repassados aos alunos. São características complementares e não explícitas do currículo normal da escola. Ou seja, a partir dessa perspectiva, os alunos de classe mais baixa teriam desempenhos piores do que os alunos de classe média, por exemplo. Pois esses alunos, por terem melhores condições, estariam mais próximos da realidade em cima da qual a escola e a educação

são pensadas.

Se a escola é idealizada pelas elites, como afirmam McLaren (1977) e Apple (1989), e se a leitura também sempre esteve ligada a elas dentro de toda a história do livro, parece provável que os alunos com melhores condições sociais (e que, em tese, estejam familiarizados com os livros e a leitura desde sua infância) tenderão a ter um melhor desempenho escolar. Uma criança habituada ao universo da leitura, que presencie constantemente os familiares adquirindo e lendo livros, que desde pequenina foi acostumada a ouvir contar histórias, não estranhará tanto à realidade letrada da escola quanto uma criança que nunca tenha visto alguém de seu círculo familiar segurando um livro de literatura, história, ou uma revista qualquer (o que não é tão incomum assim, uma vez que a leitura no Brasil custa caro). Por outro lado, alunos de classes mais baixas, mas que, de alguma maneira, tenham adotado o hábito de ler (como demonstrado, um hábito historicamente associado às elites) teriam mais facilidade em adequar-se a outra realidade bem conhecida das classes mais altas – isto é, a escola – do que aquelas que não tiveram inserido em seu cotidiano o hábito de ler. Ou seja, a leitura funciona como um instrumento para que o aluno consiga melhor se adaptar aquilo que vem-lhe sendo oferecido na escola. Mas será que isso se dá de fato ou é apenas uma hipótese?

Porém, lembremos que o ato de ler não se resume apenas na decodificação da palavra escrita. A leitura do mundo deve preceder a leitura da palavra. Partindo da afirmação de Paulo Freire (1989) percebemos que o ato de ler deve ocorrer de uma maneira crítica, ou seja, o saber ler deve trazer a interpretação, a análise e o entendimento daquilo que está sendo decodificado, a partir da realidade de cada grupo de alunos.

Freire nos apresenta o conceito de “palavra-mundo”, termo que se refere ao não desassociar a leitura da palavra das relações do indivíduo com o seu cotidiano. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1989, p. 13).

Fica clara então a necessidade da alfabetização partindo da realidade do aluno. Mas o que ocorre muitas vezes é o oposto disso: a leitura do mundo é apresentada sob a ótica de outros grupos sociais, e o que é exposto aos educandos são, desta forma, as representações de uma realidade que não lhes é própria.

A leitura crítica é um instrumento que, segundo Gramsci (in FREIRE, 1989), atua como uma ação an-

ti-hegemônica, pois a educação não é neutra, e não está desassociada da política. A educação reproduz a ideologia dominante, mas essa ação não fica nela mesma. As próprias contradições que caracterizam a sociedade fazem com que esse sistema de educação reproduzor de ideologias dominantes sofra alterações, pois há a negação dessa ideologia através do confronto entre ela e a realidade dos alunos e dos professores.

Há pouco tempo surgiu uma teoria radical na educação preocupada com este problema do currículo oculto. “A nova sociologia da educação” ou a “teoria crítica da educação”, como é definida, visava transformar as desigualdades sociais na escola e contribuir a favor dos menos favorecidos. McLaren, participante deste grupo de teóricos, afirma que “a visão tradicional da instrução de sala de aula e aprendizado como um processo neutro, antispeticamente removido dos conceitos de poder, política, história e contexto não pode mais ser dignamente endossada” (MCLAREN, 1977, p. 192). Esse grupo de teóricos acredita que as escolas servem para disseminar a ideologia e atender aos interesses das classes mais abastadas, enquanto que ignora completamente a cultura e as habilidades das classes menos favorecidas.

O resultado é que as escolas – frequentemente vistas como agências socializadoras que ajudam a sociedade a produzir cidadãos inteligentes, responsáveis, comprometidos e preparados – tornam-se instituições estranhas e perturbadoras, que não somente ensinam sujeitos, mas também produzem seres humanos incapazes de reflexão e que, em suas atividades diárias, representam as ideologias da cultura dominante. (MCLAREN, 1977, p. 196)

A pedagogia crítica preocupa-se então com a compreensão da relação que se estabelece entre poder e conhecimento. Pois o conhecimento, trabalhado a partir da questão da ideologia dominante, é visto como algo a ser dominado.

O conhecimento, porém, não é algo a ser dominado, mas sim adquirido. No entanto, como vimos, nem sempre as condições para se adquirir esse conhecimento são iguais para todos, devido ao sistema educacional que tende a afastar alguns alunos com suas práticas impostas e já estabelecidas, muitas vezes sem levar em conta a multiplicidade da realidade escolar – devido à falta de preparo dos profissionais e à falta de estrutura da instituição.

Perante todos esses desafios, como fazer com que os alunos superem os obstáculos colocados pelo currículo oculto e consigam o melhor desempenho escolar possível nesse sistema excluente?

Existe alguma ferramenta disponível para que esses alunos, principalmente os de classe baixa, consigam driblar o sistema que lhes é imposto?

Partimos da suposição, como já citado anteriormente, de que a leitura pode ser uma dessas ferramentas, sendo que aqueles alunos que tem o hábito de ler, tendo um maior contato com os textos, teriam uma maior facilidade no que se trata da própria leitura, em interpretação, e uma maior facilidade em se relacionar com os textos trabalhados em sala de aula e, por conseguinte, obteriam melhor desempenho escolar; além, ainda, de que, a partir do ato da leitura, “adquire-se meios de combater as imposições decretadas pela classe dominante, onde os dominados se encontram atados, perante tanta brutalidade intelectual” (CARDOSO, 2007, p. 3).

A educação é um meio eficaz no desenvolvimento da cidadania, desperta o indivíduo para as reflexões sobre o seu meio, criando um sujeito ativo e participante dentre todas as relações por ele vivenciadas. A leitura, por sua vez, é o eixo central no desenvolvimento desse indivíduo, pois com sua prática adquirem-se novos conhecimentos e percebe-se o mundo a seu redor. (CARDOSO, 2007, p. 3)

A leitura foco de nossa análise será aquela feita a partir da biblioteca escolar. Esta, porém, traz em seu enlaço muitos problemas, começando pela sua inexistência em algumas escolas. Ou seja, muitas bibliotecas das escolas brasileiras não suprem a demanda educacional, tanto em relação aos recursos que a ela deveriam ser aplicados, como na questão de sua abrangência aos seus usuários, tornando-se desta maneira ineficientes. Segundo Fragoso (2002, p. 2-3), essa carência é resultado do sistema educacional que vem se deteriorando há décadas – “consequência direta ou indireta desse quadro, na grande maioria das escolas brasileiras, quando há bibliotecas prevalece um sistema arcaico de utilização e aproveitamento do acervo e não apenas por indigência material.” Ou seja, a biblioteca escolar, em um grande percentual de escolas brasileiras, não recebe a devida atenção dos órgãos que seriam responsáveis por ela, o que é um reflexo da própria construção da história da leitura, que sempre apresentou um meio dificultador para o acesso pleno a ela.

Como podemos ver, a biblioteca escolar envolve ao mesmo tempo fatores educacionais, culturais, políticos e sociais. Portanto, levanta-se um questionamento quando percebemos que poucas dessas autoridades se mobilizam quanto à estrutura e bom funcionamento deste espaço. Não podemos negar, é claro, que existem pessoas que estão à fren-

te do poder e que se preocupam com essa questão da leitura, que logo, envolve diretamente as bibliotecas. Como exemplo desses projetos podemos citar o “Programa Nacional Biblioteca da Escola”. Porém, devido à grande carência pela qual passou a população ao longo da história do livro, essas iniciativas ainda não suprem toda a demanda da qual precisamos, programas como estes ainda são apenas paliativos. Ainda falta muito para fazer vingar a democracia do livro e da leitura. Afirmamos isso, também, a partir da experiência pessoal obtida através das várias visitas “em vão” realizadas em escolas, em busca de fonte para o presente trabalho: ora nos deparávamos com a inexistência da biblioteca, ora nos deparávamos com o despreparo dos responsáveis por ela.

Silva (1995) afirma ser fácil compreender o motivo desse “desleixo” para com a biblioteca escolar e as bibliotecas em geral:

Contudo, tal fato pode ser compreendido sem espanto se articularmos a desatenção das nossas elites dirigentes quanto às bibliotecas escolares e à escola como um todo com a questão da manutenção da sua hegemonia econômica e política. Tais elites só se dispõem a oferecer à grande maioria da população a cota de bens culturais suficientes para integrar os indivíduos no sistema produtivo que elas controlam. Assim, um certo domínio da leitura, da escrita e do cálculo é o que se pode garantir ao povo, e mesmo assim, ainda temos amplas fatias das classes populares sem acesso a esse instrumental. (SILVA, 1995, p. 14-15)

Isto é, esse desleixo, esse esquecimento da biblioteca escolar, é proposto por Silva (1995) como “propositivo”, quando se tratando da responsabilidade do estado. O autor alega não ser do interesse da elite governante a elevação do nível cultural e da consciência crítica da população, já que desta forma o poder vigente poderia vir a ser questionado, e logo alvo de críticas. Ainda segundo o autor, as “classes dominantes têm um projeto político de manutenção da sua hegemonia baseado, entre outros aspectos, na negação sistemática do acesso aos bens educacional/culturais às classes trabalhadoras” (SILVA, 1995, p. 31).

O que deve ficar claro, porém, é que essa atitude de por parte das elites dominantes não é explícita, e talvez nem mesmo consciente. Ela faz parte de um sistema produzido e reproduzido pela própria história da leitura, a qual, como dito no começo do capítulo, sempre dificultou – ora através de censura, ora mediante questões sociais ou econômicas (ler, para muitos, é caro), etc. – o acesso da maioria das pessoas a ela. Ou seja, o governo nesse caso, e como já citado anteriormente, funcionada como um objeto

de um sistema maior. Os objetivos e motivos dessa segregação da leitura podem ter mudando ao longo da história, o que não podemos negar, porém, é que ela apresenta resquícios até os dias atuais.

Esse desleixo em relação à biblioteca pode-se dar, segundo Waldeck Silva, devido à falta de uma tradição ou consciência bibliotecária no Brasil, pois desde o período colonial o que vem sendo posto em prática é o analfabetismo, a ausência das bibliotecas e a inexistência de políticas de popularização do livro. Ou seja, a chamada “Crise da leitura” não é um mal recente, o que faz com que ocorra e seja aceitável por parte da população uma relação de estranhamento entre os indivíduos e as bibliotecas.

Essa crise da leitura também não é em si uma crise, como aponta Ezequiel Silva. Para o autor ela é um programa elaborado por aqueles que detêm o poder, e que enxergam na leitura um instrumento de conscientização (SILVA, 1995, p. 11-12). Porém, o que deve-se lembrar ao utilizar a teoria de Silva, é que ele militou intelectualmente contra os mecanismos de controle social na época da ditadura militar. Ilustrou ironicamente, com o conceito de “lei-dura” (SILVA, 1983), alguns dos empecilhos que parte das elites impôs à democratização da leitura contra a população mais pobre e trabalhadora. O conjunto de mecanismos políticos e econômicos para tornar a leitura algo difícil e inacessível às camadas mais baixas da sociedade era por ele chamada por este conceito de lei-dura, uma clara alusão à Ditadura Militar no Brasil. Sabe-se que a educação no regime militar estava interessada em formar cidadãos críticos e apolíticos, através de um ensino tecnicista e com pouco incentivo à leitura, confinando-a às esferas mais altas e dominantes da sociedade. É certo que a ditadura militar acabou, mas acreditamos que os mecanismos de controle social contra a democratização da leitura incluídas na “Lei-dura” estão presentes (mesmo que com formatos diferentes) até a atualidade, estando por trás do que entendemos por currículo oculto. Ou seja, nos dias atuais existem programas de incentivo à leitura, mas estes ainda não se mostram suficientes para a situação atual encontrada. Esses projetos estão inseridos dentro do sistema governamental, que por sua vez também é uma ferramenta do sistema.

A educação é vinculada ao estado. A escola não é meritocrática, ou seja, não existe uma relação entre êxito escolar – levando-se em conta ao se tratar de êxito escolar apenas o que é passado pelo professor em sala de aula, e origem social. Apple aponta que mesmo que um aluno de classe social baixa

tenha um bom rendimento escolar, ele dificilmente irá conseguir conquistar uma posição social mais alta que aquela a que ele pertence, devido a escola estar inserida nesse sistema vinculado a ideologia dominante. E os instrumentos para que ele venha a conseguir essa ascensão, são por sua vez, controlados pela própria elite governante.

Como resultado desse sistema, a pobreza da biblioteca escolar traz consequências de natureza diversa. No setor cultural ela afeta principalmente as crianças de classes populares, que têm na escola uma das únicas possibilidades de contato direto com os livros e com a leitura. Como nos aponta Silva “sem biblioteca escolar, sem leitura crítica, abre-se, mais ainda, os caminhos para a opressão e para a injustiça social, à medida que se fecham aqueles que poderiam conduzir os alunos, desde cedo, ao exercício do espírito crítico, contestador e criativo” (SILVA, 1995, p. 46).

No setor educacional devemos focar na formação dos professores, pois eles serão a ponte entre os alunos e os livros, ou seja, a aproximação dos alunos com a biblioteca escolar vai ser influenciada através do espaço que a biblioteca ocupa no fazer didático do docente. Essa prática docente é orientada pela formação pedagógica do professor, formação essa que deve então inserir a biblioteca escolar como também material didático a ser utilizado em sala de aula.

No setor pedagógico a ausência da biblioteca escolar tende a limitar os materiais pedagógicos, o que faz com que muitas vezes o professor seja a única fonte de transmissão do conhecimento, na qual os alunos ficarão submetidos ao discurso docente e/ou ao livro didático. Este é um sério problema enfrentado pela biblioteca escolar quando ela se faz presente na escola. A sua má utilização ou não-utilização por parte dos professores acaba reforçando aquilo que vem sendo imposto aos alunos, professor e a educação em geral, fazendo com que os indivíduos permaneçam sendo agentes de uma sociedade da qual a crítica não faz parte, e onde a capacidade de reproduzir o discurso do professor e do livro didático é o ponto a ser atingido.

Compartilhamos da opinião de Silva (1995) quando pensamos da biblioteca escolar:

Entretanto, para muito além da missão de transmitir o saber elaborado, absolutamente fundamental, acreditamos numa escola que possa formar cidadãos críticos, capazes de utilizar criticamente o conhecimento construído na escola para analisar o real e, diante dele, fazerem as suas opções profissionais, culturais e políticas, de forma consciente, livre

e autônoma. Para a escola desenvolver um trabalho pedagógico que tenha, no limite, tal finalidade, julgamos indispensável que o professor lance mão de novos instrumentos de ensino em acréscimo à exposição oral e ao livro didático adotado. E, entre eles, a biblioteca escolar pode ocupar um lugar destacado, não como depósito de saber acumulado, mas sobretudo como agência disseminadora desse saber e promotora da leitura. (SILVA, 1995, p. 18)

A utilização da biblioteca a partir desse ponto de vista é imprescindível, ainda mais em escolas que recebem alunos de periferia, os quais são, devido à sua condição social, inferiorizados perante o restante da sociedade, na qual o sistema educacional é seletivo e excludente, o acesso à leitura é elitizado e o discurso só tende a ser reproduzido. E assim o que a escola impõe aos seus alunos é um comportamento mecânico e de massa, exatamente o oposto de um processo de educação reflexivo e individual.

Esse comportamento imposto pela escola em relação ao ensino também é aplicado em relação à utilização da biblioteca escolar. Quando a biblioteca faz parte do plano de aula dos professores, geralmente se dá a partir de imposição de leituras, o que acaba distorcendo a prática e consequentemente afastando os alunos da biblioteca. A leitura torna-se uma obrigação, ela é realizada em troca de notas bimestrais. Outra medida adotada por alguns professores em relação à biblioteca escolar é a sua utilização como um espaço de castigo, aonde os alunos são enviados quando deixam de realizar algo que o professor deseja, ou quando desrespeitam alguma regra. A biblioteca, de lugar de leitura, torna-se lugar de punição. Essa atitude acaba criando nos alunos um sentimento de repulsa em relação aquele ambiente; a imagem criada é exatamente o oposto de seu fim.

A leitura é até mesmo vista como um elemento motivador da evasão escolar, devido à maneira como ela é posta em prática na didática educativa, sendo aplicada de uma maneira ultrapassada e retrógrada aos alunos (SILVA, 1995).

Porém, a leitura, quando incentivada pelos professores principalmente, tende a se tornar uma ferramenta para o combate à alienação, à ignorância e às práticas impostas pela cultura dominante, fazendo com que o estudante venha a se tornar um indivíduo questionador e crítico. Para Silva a biblioteca é o espaço que mais contribui para o despertar do espírito crítico e a criatividade do aluno, e “o aluno é o maior responsável pela construção da sua aprendizagem. Logo, uma postura ativa, dinâmica, crítica e criativa da sua parte é o que se espera num processo de escolarização emancipatório” (SILVA, 1995, p. 42).

Pensamos, pois, a biblioteca escolar como um instrumento que o aluno irá dispor para sua autoeducação. Como apontado, a leitura tornou-se uma prática quase indispensável para o indivíduo. A partir da sua realização podemos adentrar espaços, e conhecer ideias que até então não faziam parte de nosso cotidiano. Levantamos a questão de que na escola a leitura pode atuar como uma ferramenta para melhor aproximar, de uma maneira geral, os alunos ao sistema da educação, que por sua vez é pensado e elaborado por uma elite. Para tanto iremos colocar nossa hipótese em prática no próximo capítulo, analisando em que medida a leitura pode atuar no desempenho dos alunos que a realizam.

Da constatação dos fatos.

Não podemos deixar de assinalar o papel da biblioteca escolar na formação de personalidades críticas, criativas e dinâmicas. Com a diversidade de informações que a biblioteca escolar pode fornecer – se dignamente instalada –, os estudantes poderão tomar conhecimento de idéias diferentes ou mesmo divergentes daquelas transmitidas pelo professor, o que lhe poderá provocar inquietações e questionamentos, elementos indispensáveis ao desenvolvimento de uma educação escolar emancipatória, ainda que insuficientes para livrar totalmente os alunos das influências do discurso dominante na escola. Inquietos e questionadores, tais alunos poderão tornar-se cidadão críticos e participativos, o que se constitui em requisito fundamental para a tarefa de transformação da sociedade brasileira e, de modo geral, de qualquer sociedade. (SILVA, 1995, p. 70)

Partindo de tal ponto de vista, vemos que a biblioteca escolar, e logo a leitura, são instrumentos de emancipação do indivíduo. A leitura, e o ato de ler lhe serão úteis tanto em seu período como discente como posteriormente.

A biblioteca escolar também pode contribuir no combate do autoritarismo do sistema escolar. A imposição de um arbitrário cultural (Bourdieu & Passeron, 1975) aos alunos, por meio de conteúdos, práticas, textos, etc., é uma das dimensões mais evidentes do autoritarismo escolar. O contato frequente com a biblioteca escolar representa, para o educando, a possibilidade de se apropriar de um conhecimento que possibilite desvelar e questionar esse arbítrio, embora o acervo disponível na biblioteca também seja, de certa forma, parte daquele arbitrário cultural. (SILVA, 1995, p. 73-74)

Partindo desses pressupostos iremos analisar a diferença no desempenho escolar entre os alunos que possuem e os que não possuem o hábito da leitura⁹. Vendo se ela, feita a partir de empréstimos de

livros da biblioteca escolar, pode interferir no desempenho final desses alunos. O que vale ressaltar é que em nossa pesquisa não trabalhamos em cima da ideia de que existe um método de leitura considerado como o correto, mas sim como Barzotto (1999) nos apresenta, através da aceitação de que qualquer tipo de leitura é válido. Alguns esclarecimentos então devem ser feitos. Quando afirmamos que todo tipo de leitura é correto, queremos dizer que o modo como esse aluno lê e interpreta o texto diz respeito à aceitação da capacidade de criatividade e interpretação dos alunos, afastando-se então daquele ensino autoritário, como falam Ezequiel Silva e o já mencionado Barzotto, no qual apenas a palavra do professor é a correta, e somente ela tem validade na sala de aula.

Acompanharemos quatro turmas durante quatro anos consecutivos, a partir das quintas séries do ano de 2009 até as oitavas séries de 2012. Nos três primeiros anos, que serão abordados neste segundo capítulo, analisaremos seus desempenhos através da relação que os alunos tiveram ou não tiveram com a leitura; e no último ano (2012) será aplicado um questionário acerca da opinião e relação desses alunos com a leitura e com os livros.

A relação será mapeada através das fichas de empréstimo da biblioteca escolar. Já no início dessa pesquisa, algumas bibliotecas das escolas visitadas se colocaram como obstáculos para o trabalho, devido a alguns fatores, como a própria inexistência delas – no sentido de não haver um espaço na escola destinado para uma – ou casos de não serem abertas aos alunos, assim como, (o problema mais frequente), a escassez e falta total de registros de empréstimo. Estes problemas com registros se mostram antigos; encontramos Darnton (1992) falando sobre eles em sua *História da Leitura*, discorrendo sobre a dificuldade e a importância de se manterem os registros de biblioteca, uma vez que poucos sobrevivem.

As três escolas “selecionadas” que visitamos para a realização desta pesquisa encontram-se em regiões periféricas da cidade. Optaríamos somente por uma. A primeira, o Colégio Estadual Francisco Pires, foi escolhida pelo fato de receber alunos da colônia do Sutil¹⁰. Encontra-se na escola um espaço reservado para a biblioteca; este espaço, porém, não é exclusivo para ela, pois é ocupado por um fre-

ezer pertencente a um programa social que distribui leite para a comunidade. Em alguns contatos que tive com a escola e com a biblioteca, pude perceber que os alunos a frequentam animadamente, principalmente nos horários de recreio. O colégio dispõe de responsável por ela, porém não pudemos realizar nosso trabalho lá, devido à ausência de registros de empréstimos de livros.

Dirigindo-se para o “plano B”, a próxima escola visitada foi o colégio no qual terminei meus estudos secundaristas. A escola ficava situada na região periférica da cidade – o que a coloca entre as escolas preferíveis a este trabalho. Nesta escola, porém, nos reencontrou um velho problema: a biblioteca ainda é praticamente inexistente, fica reclusa e reduzida a duas estantes no canto da sala de informática; estantes essas que trancadas a cadeado. O espaço não era aberto aos alunos até o ano de 2011, em virtude da ausência de um profissional responsável. Além disso, como não é difícil constatar, não contava com o registro de eventuais empréstimos. Vimo-nos então impulsionados a procurar outra escola.

Colégio Estadual Nossa Senhora das Graças

A terceira e última escola a que nos dirigimos foi o Colégio Estadual Nossa Senhora das Graças¹¹. Diferente das anteriores, ela dispõe de um grande recinto para a biblioteca, contando com uma sala própria com dimensões bastante consideráveis, e que excedem o tamanho de uma sala de aula. A sala da biblioteca conta com cerca de 12 estantes, mesas e cadeiras distribuídas pelo espaço da sala, e um balcão onde as bibliotecárias permanecem. Seu acervo é composto por cerca de 2200 livros já catalogados e 300 que ainda iram se juntar aos demais na estante, que aguardam apenas serem catalogados. Os livros do acervo da biblioteca estão inseridos nas categorias: romance, novela, contos, poesias, poemas, encyclopédias e livros paradidáticos, entre outros. O espaço também conta com profissionais responsáveis pelo seu cuidado, sendo duas funcionárias que dividem o trabalho pela manhã e que se revezam à tarde e à noite, em todos os dias da semana. Na biblioteca também encontramos armazenados os registros de empréstimo de livros.

9 Por leitura iremos considerar as feitas através de empréstimos da biblioteca escolar; mais especificamente iremos considerar como leitores os alunos que realizaram ao menos um empréstimo na biblioteca durante o ano trabalhado. Diferente da conhecida concepção de leitor, que dá esse título aqueles que leram ao menos um livro nos últimos três meses.

10 Comunidade de remanescentes quilombolas, situada em Ponta Grossa.

11 Foi obtida autorização da direção da escola para a divulgação de seu nome.

A idade razoavelmente baixa da escola, (o prédio foi construído e é utilizado desde 2003) talvez possa ser um dos fatores para este bom funcionamento do espaço. Porém, ainda assim verificamos que também nessa biblioteca não existe uma atualização anual de material. E que são os professores que compram, ou conseguem doações, de obras mais atuais e que são, geralmente, preferência do público escolar.

Devemos destacar, no entanto, que, mesmo a biblioteca funcionando de uma maneira considerada “adequada” e tendo os funcionários realizado o registro de empréstimos, esse material era restrito, ou antes, as fichas mais antigas que encontramos datam do ano de 2009 e não formam o conjunto total das feitas para os empréstimos daquele ano. Penso na possibilidade de que as fichas remanescentes foram as que se salvaram por algum motivo de irem parar no lixo; fator esse que, de certo modo, tem um lado positivo, se pensarmos que existiram mais leitores nesse ano do que os que conhecemos. Mas essa incerteza também confere a essa pesquisa uma ressalva, de que os dados obtidos foram traçados em cima deste material coletado nestas circunstâncias. Se, por outro lado, tivéssemos acesso ao material completo do ano de 2009, os nossos resultados poderiam distinguir-se dos apresentados adiante.

Tendo acesso às fichas e ao caderno de empréstimo, realizamos um levantamento dos leitores entre os anos de 2009 até 2011. Para que pudéssemos fazer um acompanhamento gradual e contínuo dos alunos, optou-se em trabalhar com os que estavam nas quintas séries em 2009 e que hoje, em 2012, encontram-se nas oitavas. Devemos deixar claro que uma pesquisa desta natureza poderia ser aplicada a qualquer outra disciplina escolar, mas optou-se pela de história devido a sua íntima e imprescindível relação com a leitura, além, é claro, de ser a área de atuação daquela que lhes escreve. A pesquisa será baseada em cima da leitura de caráter prazeroso – não decorrente de atividades escolares propostas pelos professores – e por causa da qual os alunos vão por livre e espontânea vontade à biblioteca.

A análise dos dados coletados será feita através de um dos programas utilizados pelas Ciências Sociais – *Statistical Package for the Social Sciences* – SPSS, que trabalha com estatísticas. Para a realização da análise e a constatação da teoria por nós levantada, algumas questões foram elaboradas como: o número de leitores; o número de leitores relacionado ao sexo; a porcentagem de leitores que se manteve durante o decorrer dos anos; a porcentagem de leitores que passaram a ler posteriormente; a relação dos leitores

e não leitores com o desempenho na disciplina de história; e a situação anual final desses alunos. Ou seja, iremos abordar seu desempenho em relação à leitura, às notas, e à sua situação escolar. Alguns novos alunos, vindo de outras escolas, entraram nas salas analisadas, e passam também a fazer parte de nossa pesquisa.

A princípio não nos questionamos sobre o número de livros lidos por esses alunos – embora tenhamos coletado esses dados, pois sabemos que, para a leitura, quantidade não é sinônimo de qualidade. O importante é entender o que se lê e saber o que fazer com o lido: por o aprendido em prática e torná-lo parte da vida. Assim, uma reflexão suscitada por uma passagem de algum livro pode ajudar, àquele que lê com qualidade, a ver o mundo com novos olhos, e a leitura, mesmo pouca, servirá bem o seu ofício. Mas, ainda que Paulo Freire confessasse que não se incomodava em ir para cama após ter lido apenas uma página de um livro – porque, segundo ele, esta página foi o que ele “conseguiu” digerir –, é certo que ele lia, e lia bem, e lia bem e em quantidade, pois gostava de ler e precisava ler. Então, quando se gosta e há tempo, é natural que se leia bastante, e a quantidade, se não implica necessariamente qualidade, ao menos no caso das fichas pode servir de parâmetro para deduzirmos se o aluno realmente tinha costume de ler ou somente foi à biblioteca emprestar um livro em um mísero e enfantioso dia, por ordem do professor ou por qualquer outro motivo que não o gosto.

Como já discutido no capítulo anterior, o que buscamos com essa pesquisa é descobrir se o ato da leitura pode se associar a um melhor desempenho escolar, partindo da visão de que a escola é arquitetada por uma elite, e que desta forma os preceitos com os quais ela trabalha seriam estranhos aqueles que não fazem parte dessa classe social. Partimos do pressuposto de que a leitura, além de trazer informação, torna os alunos mais questionadores, o que poderá interferir em sua postura na sala de aula e, logo, em seu desempenho, resultando em melhores notas no final dos bimestres. Aqui, infelizmente, por não termos acompanhado as crianças em todos os aspectos da vida escolar durante o período pesquisado, estaremos tomando a nota como variável principal da aprendizagem, mas temos a consciência de que uma não se reduz à outra. Pode acontecer de nos deparamos com alunos que têm o hábito de ler e cujas notas sejam baixas, ou que não o tenham e as tirem excelentes. Assim como também se apresentam outros problemas como não sabermos se a retirada do livro corresponde a sua leitura, nem se a retirada foi espontânea ou forçada pelo professor. Porém,

mesmo com todas essas limitações, é possível encontrar elementos da relação entre a leitura e do desempenho escolar em História.

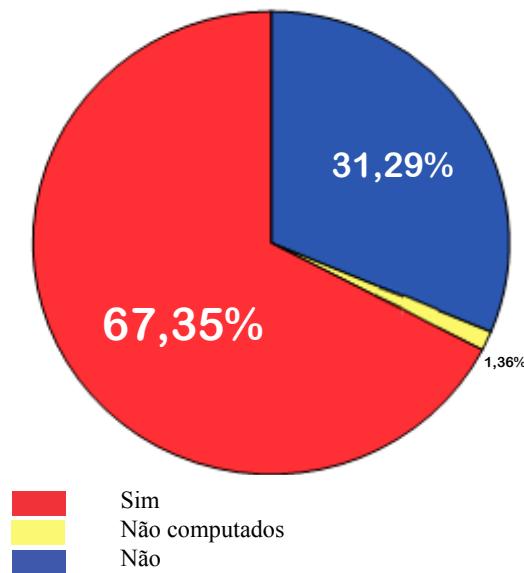
Somando todas as crianças com que trabalhamos em todas as séries – contando as transferidas, reprovadas, desistentes e que entraram na escola a partir da sexta série – chegamos a um total de 217, sendo 111 meninos e 106 meninas. Em 2009, as quatro turmas da quinta série somavam 147 alunos. Como trabalharemos também com os alunos que entraram na escola do decorrer dos anos letivos, assim como existem casos de desistência, reprovações e transferências, esse número se modificará em

cada ano, somando no total os 217 mencionados.

Feito um levantamento dos alunos de quinta série no ano de 2009 que emprestaram ao menos um livro na biblioteca (como já citado, esse levantamento foi feito por meio das fichas individuais de empréstimo e por registros em cadernos de saídas de livros), encontramos quarenta e seis alunos que fizeram empréstimos; esse número em porcentagem representa 31,29% do total das quatro quintas séries¹², como mostra o gráfico abaixo:

Levantamos as médias anuais das notas dos alunos e as inserimos em quatro categorias: de 0 a 4,0 – média péssima; de 4,1 a 6,0 – média ruim; 6,1 a

GRÁFICO 1 – Número de leitores e não leitores do total das quintas séries de 2009



9,0 – média boa; e, de 9,1 a 10,0 – média excelente. Esta classificação será adotada para todos os anos e séries trabalhadas. Nas quatro turmas das quintas séries, encontramos os seguintes dados referente ao desempenho dos alunos:

TABELA 1 – média escolar dos alunos da quinta série.

Médias quinta séries

Médias	Casos	%
Péssimo	11	7,5
Ruim	15	10,2
Bom	114	77,6
Excelente	7	4,8
Total	147	100,0

12 Nos gráficos e tabelas alguns casos aparecem como “não computados”, esses dados são de alunos que por algum motivo não conseguiram acompanhar a turma, não chegando ao final do ano letivo em questão.

Mais de 80% apresentam notas acima da média adotada pelas escolas públicas (6,0). Esta porcentagem não é a que consideramos ideal, mas podemos considerá-la um número elevado, levando-se em conta todo o esforço pelo qual passa o professor, no que se refere às pressões pelas quais ele passa para que não existam casos de alunos com notas baixas e muito menos reprovações. No entanto, há menos notas excelentes do que ruins e péssimas. É claro que a dificuldade de tirar notas acima de nove é perfeitamente comprehensível, e não é o problema sobre o qual seja urgente debruçarmo-nos, pois realmente preocupantes são os casos abaixo (ruins) e muito abaixo (péssimas) da média estabelecida; são eles que necessitam de atenção. São ao menos 26 ou 17,7% os casos de alunos que por algum motivo não conseguiram, com a soma dos quatro bimestres, alcançar uma média igual ou superior a seis nas quintas séries, mesmo com todas as chances e com todo o trabalho e esforço

realizado pelo professor no decorrer do ano letivo. Quem são estes casos preocupantes? Alunos que emprestaram livros ou os que deixaram de fazê-lo? Os de ambos os casos? As mesmas perguntas devem ser feitas em relação às médias excelentes. A leitura recreativa estaria exercendo influência no alto desempenho dos alunos?

Quando levantamos a possibilidade da leitura recreativa estar influenciando no desempenho dos alunos não estamos afirmando que a leitura de um material aleatório, emprestado conforme o gosto do aluno interferisse diretamente na sua nota final, mas sim de que o ato de ler materiais para além da sala de aula auxiliasse e fosse um estímulo para o aluno passar a estudar mais, a interpretar melhor os textos e enunciados das atividades avaliativas e a se tornar mais crítico. Desta forma para responder as indagações a cerca da leitura ou começar a levantar hipóteses, observemos a tabela a seguir:

TABELA 2 – desempenho entre alunos leitores e não leitores da quinta série.

Desempenho entre leitores e não leitores			
Alunos	Média	Casos	%
Leitores	Ruim	3	6,5
	Bom	42	91,3
	Excelente	1	2,2
	Total	46	100,0
Não computados			
Não leitores	Péssimo	2	100,0
	Péssimo	9	9,1
	Ruim	12	12,1
	Bom	72	72,7
	Excelente	6	6,1
Total		99	100,0
Total		147	100,0

Fonte: A autora.

Pode-se perceber que entre os alunos leitores apenas três tiveram média abaixo de seis, enquanto que cerca de 21% dos que não usufruíram do empréstimo de livros tiveram suas médias abaixo da linha estipulada. Não obstante, os que têm a maior porcentagem de médias excelentes são exatamente os que não usufruíram da biblioteca para realizar empréstimo – o que não podemos esquecer, entretanto, é que as causas que mais influenciam nas notas são, sobretudo, o estudo do conteúdo específico das provas e a realização de atividades em sala e de

casa. O que deve ser levado em conta é que esses alunos, mesmo não tendo retirado livros da biblioteca escolar, podem muito bem ter lido livros retirados de outros locais, como sua casa, ou a biblioteca pública. Desta maneira, podemos dizer que as notas excelentes da tabela são, obviamente e na maioria das vezes, as de alunos que cumpriram à risca as determinações dos professores, entre as quais se encontram, evidentemente, a leitura do livro didático e do material do caderno, e não apenas leituras recreativas. Por outro lado, fica claro, ao observarmos

os dados, que os alunos que emprestaram livros estão, em 93,5% dos casos, acima da média; quase quinze por cento a mais que os não leitores. Ou seja, a leitura recreativa associada ao estudo da matéria pode ter interferido no desempenho

escolar daquele ano, pelo menos numa visão mais geral.

Essa relação da leitura associada às notas se mostra de forma bastante clara no final do ano letivo:

TABELA 3 – situação escolar final entre alunos de quinta série leitores e não leitores

Situação quinta série			
Alunos	Situação	Casos	%
Leitores	Aprovado	45	97,8
	Reprovado por frequência	1	2,2
	Total	46	100,0
<hr/>			
Não computados	Transferido	2	100,0
<hr/>			
Não leitores	Aprovado	77	77,8
	Aprovado por conselho	2	2,0
	Desistente	2	2,0
Não leitores	Reprovado	11	11,1
	Reprovado por frequência	2	2,0
	Transferido	5	5,1
<hr/>			
		Total	99
		Total	147
		100,0	

Fonte: A autora.

Nota-se que entre os alunos leitores ocorre apenas um caso de reprovação, e não se insere na categoria dos reprovados por média, mas por frequência. Diferente do que ocorre com os não leitores, em que cerca de 20% dos alunos não conseguem acompanhar a turma. Porém, o que se deve ressaltar é que entre esses 20% há alunos desistentes e transferidos, dos quais não podemos saber se, uma vez tendo continuado na escola, usufruiriam da bi-

blioteca e de seus livros, entrando assim para o rol de leitores.

O que também se pode perceber, comparando-se as tabelas das médias e de situação escolar, é que os alunos leitores, mesmo apresentando alguns casos de notas ruins conseguiram passar de ano sem precisarem da aprovação por conselho de classe. Podemos inferir, em relação às três médias ruins, que as notas destes alunos estivessem muito

próximas da média seis. Já os não leitores apresentaram um percentual semelhante de reprovações a de notas abaixo da média, o que quer dizer que praticamente nenhum desses alunos conseguiu ser aprovado.

Através dos levantamentos e cruzamentos de dados pudemos ver que em tese os leitores conse-

guem ter um melhor desempenho que os não leitores, assim como suas notas são mais altas. Esse desempenho ocorre de igual para igual entre meninos e meninas? Entre meninos e meninas leitores e não leitores? Ou a conhecida máxima de que “meninas são mais estudiosas que os meninos” prevalece? O gráfico a seguir pode sanar parte dessas dúvidas.

TABELA 4 – situação escolar final entre alunos da quinta série leitores e não leitores, e sexo.

Situação escolar relacionada a leitura e sexo

Alunos	Sexo	Situação	Casos	%
Leitores	Masculino	Aprovado	21	95,5
		Reprovado por frequência	1	4,5
		Total	22	100,0
	Feminino	Aprovado	24	100,0
Não computados	Masculino	Transferido	2	100,0
Não leitores	Masculino	Aprovado	33	66,0
		Aprovado por conselho	2	4,0
		Desistente	2	4,0
		Reprovado	9	18,0
		Reprovado por frequência	2	4,0
		Transferido	2	4,0
		Total	50	100,0
	Feminino	Aprovado	44	89,8
		Reprovado	2	4,1
		Transferido	3	6,1
		Total	49	100,0
		Total	147	100,0

Fonte: A autora

A tabela apresentada deixa claro que, no geral, o desempenho escolar varia entre os meninos e as meninas das quintas séries. Quando são leitores, essa variação é muito pequena, mas mesmo assim existe; quando não o são, a discrepância entre os sexos chega a quase 20% no caso das aprovações. A diferença na aprovação é maior ainda entre leitores e não leitores do mesmo sexo; no caso das meninas, não: está na casa dos 11%; mas, no caso dos meninos, ultrapassa os 25%, se forem incluídos os aprovados por conselho. No caso de não leitores, os meninos apresentam um número muito mais

elevado de reprovações que as meninas. Ou seja, nas quintas séries de 2009 elas foram mesmo mais estudiosas do que eles.

A diferença do desempenho dos meninos e das meninas merece uma tentativa de explicação. O bairro onde a escola se situa é muito conhecido nosso, passamos por ali sempre, senão diariamente, pelo menos uma vez por semana. É um bairro vizinho ao meu e cujas características, de um modo geral, me são muito familiares: região periférica, de situação econômica baixa, sem muitos centros de lazer como praças e canchas. As crianças, sobretu-

do os meninos, são livres para brincarem na rua até tarde; andam de bicicleta, jogam bola, brincam de esconde-esconde, disputam bolinha de gude, empinam pipa, ofendem-se e, não raras vezes, brigam. Dissemos “sobretudo os meninos” porque as meninas, embora se as encontre nas ruas, vão para lá em menor quantidade e ficam muito menos tempo que os meninos. É muito mais comum ouvir serem chamados, das janelas das casas, nomes femininos do que masculinos para irem embora. Geralmente isso acontece porque as meninas são encarregadas mais que os meninos de ajudar na maioria dos serviços domésticos e, também, por causa de um zelo especial que os pais têm com relação a elas, seja no tocante a segurança, seja no que diz respeito à sexualidade. Estando as meninas dentro de casa e tendo-lhes sido “imposto” responsabilidades diferentes das dos meninos, mais caseiras e “comportadas”, elas destinam um tempo maior para atividades escolares do que eles, que andam “soltos” nas ruas e desenvolvem relações diferentes com as obrigações. Isso é uma hipótese e não quer dizer que condiga exatamente com as causas da diferença do desempenho escolar entre os sexos. Exemplo disso é que encontramos meninos leitores com médias boas, que abdicaram de alguns instantes na rua para se divertirem com a leitura. Cada caso é um caso, e

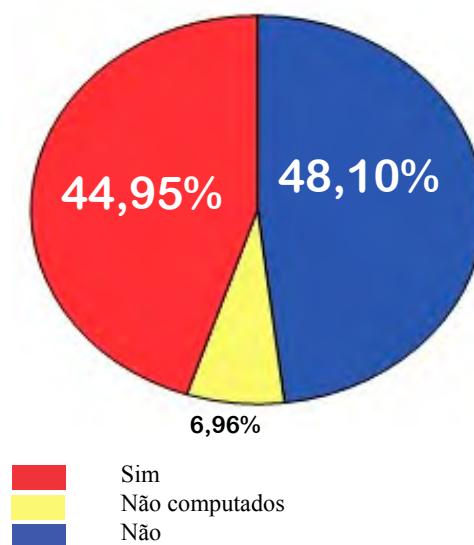
é provável que várias causas – econômicas, sociais, familiares e psicológicas – estejam envolvidas nas notas de todos os alunos, não somente na diferença entre os sexos. Mas é uma hipótese a ser levada em conta neste trabalho; não poderíamos simplesmente naturalizar a diferença e dar-nos por satisfeitos.

Assim, na quinta série pudemos observar que os alunos leitores obtiveram um melhor desempenho que os não leitores; assim como as meninas tiveram, no geral, melhor desempenho que os meninos. E no decorrer dos anos esta estatística se mantém? Ou com a chegada da adolescência e dos novos interesses trazidos com ela interferirão nela? As leituras são deixadas de lado ou floresce nos alunos a vontade de conhecimento?

Os alunos já citados que entraram posteriormente na escola somam setenta. 40 deles ingressam na sexta série de 2010 e 30 na sétima de 2011. Dos quarenta da sexta, dezesseis (40%) emprestaram livros; dos trinta da sétima, apenas quatro (13,3%) fizeram-no. Os leitores equivalem, pois, a 28,6% dos setenta.

Somando os aprovados da quinta série com os quarenta novos alunos que que entraram em 2010, as turmas da sexta série têm 158 crianças. Observamos, na totalidade, a quantidade de leitores e não leitores através do gráfico:

GRÁFICO 2 – número de leitores e não leitores das sextas séries de 2010



Podemos perceber que a porcentagem de alunos leitores nas sextas séries aumentou em relação ao ano anterior, chegando a quase metade dos alunos usufruindo dos empréstimos da biblioteca escolar. Sabemos que 40% dos novos

alunos que entraram emprestaram livros no decorrer desse ano, e essa porcentagem representa 16 alunos. A partir desse cálculo podemos ver se houve diferença no número de leitores da quinta para a sexta série.

TABELA 5 – número de leitores e não leitores no total das sexta séries de 2010

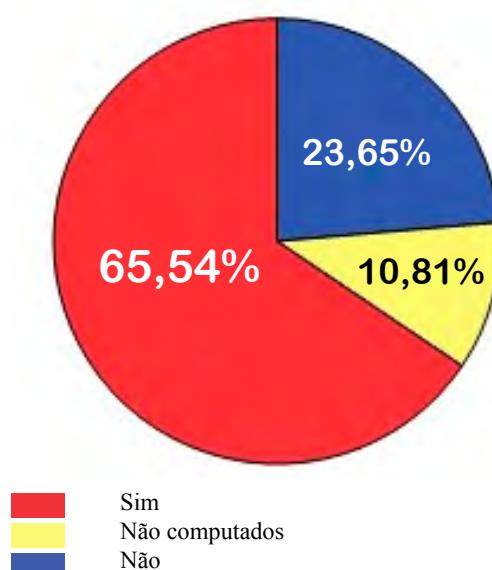
Leitores sexta série		
Leitor	Casos	%
Sim	76	48,1
Não computados	11	7,0
Não	71	44,9
Total	158	100,0

Fonte: A autora

O número de leitores passa de quarenta e seis na quinta série para setenta e seis na sexta, ou seja, trinta alunos a mais começaram a emprestar livros em 2010. Desses trinta leitores 16 entraram em 2010 na escola. Sabendo-se disso, podemos observar que 14 alunos que não liam na quinta passaram a ler na sexta. Haveria algum motivo em especial para esse acréscimo ou realmente o gosto pela leitura apenas aflorou nos alunos? Acredito que muito possivelmente, no ano de 2010 e na turma das sextas séries, houve um fator estimulante no que se refere à leitura. Esse fator pode ter vindo

na forma de um novo professor, seja na disciplina de história, seja em qualquer outra, um novo professor que estimulasse a leitura aos alunos, como ferramenta pedagógica, ou através de sua relação pessoal com os livros; assim como pode também ter ocorrido algum projeto pedagógico na escola envolvendo a biblioteca escolar. Afirmando haver um fator estimulante devido se constatar que no ano seguinte, na sétima série, o número de leitores cai novamente, passando mesmo a ser inferior ao número de leitores encontrados na quinta série, como podemos ver no gráfico abaixo:

GRÁFICO 3 – número total de leitores e não leitores no total das sétimas séries de 2011.



Em números essa porcentagem representa trinta e cinco alunos leitores, frente a 16 casos não computados e 97 alunos não leitores, num total de 148 alunos. Desse total de leitores, quatro deles são alunos que entraram na escola apenas na sétima série. Ou seja, o número de leito-

res cai mais da metade de um ano para o outro.

Visto que na sexta série o número de leitores teve um acréscimo em relação à quinta, mas que na sétima metade desses alunos deixaram de ler, o percentual de situação escolar nesses anos teria sofrido alguma influência por parte da leitura?

As tabelas abaixo podem nos mostrar.

TABELA 6 – desempenho dos alunos das sextas séries de 2010.

Desempenho dos alunos na sexta série

(continua)

Média	Casos	%
Péssimo	31	19,6
Ruim	36	22,8
Bom	83	52,5
Excelente	8	5,1
Total	158	100,0

Fonte: A autora

Vemos que a sexta série foi um ano de aumentos frente à quinta série – aumento no número de leitores, no número de notas péssimas e ruins; e, infelizmente,

as notas boas diminuíram em número e porcentagem.

Já na sétima série, onde o número de leitores não ultrapassa 35 alunos:

TABELA 7 – desempenho dos alunos das sétimas séries de 2011.

Desempenho dos alunos na sétima série

Média	Casos	%
Péssimo	26	17,6
Ruim	25	16,9
Bom	86	58,1
Excelente	11	7,4
Total	148	100,0

Fonte: A autora

Os números e as porcentagens mudam muito pouco da sexta para a sétima série, mas na sétima série em compensação encontramos menos notas péssimas e ruins do que no ano anterior. Porém, se comparados os três anos, esses números, frente ao resultado das quintas séries, são altos – as notas péssimas e ruins aumentaram e as boas diminuíram, em compensação as notas excelentes só aumentaram no correr dos anos; um pequeno aumento, mas existiu.

Aparentemente, em um levantamento geral, o nível das notas parece ter decaído com o passar dos anos. Levando-se em conta que o número total de alunos no decorrer dos três anos não teve um aumento que fosse capaz de alterar de forma significante as médias, podemos levantar algumas hipóteses para esse acontecido.

A primeira das hipóteses refere-se à chegada da adolescência, que pode ter feito com que os alunos

começassem a se interessar por outras questões que não a escola e o estudo; uma vez que na quinta série os alunos recém-saídos de um ensino no qual viam todas as matérias com apenas um professor, acabam por conceder um caráter de atração ao método de aula adotado pelo sistema a partir da quinta série. Outra hipótese refere-se à questão do quadro de professores. Em nosso sistema de ensino encontramos uma instabilidade no que se refere a ele; muitas escolas não contam com professores fixos para determinadas matérias; assim os alunos podem ter mais de um professor da mesma matéria no decorrer do ano letivo, com professores substitutos. Esse é o caso da escola Nossa Senhora das Graças, que inclusive na matéria de história, não conta, até o presente momento, com um professor fixo, já que a professora contratada desta matéria está afastada por determinação médica. Este fator pode ser altamente prejudicial aos educandos,

uma vez que cada professor tem um método de ensino próprio, além de que a matéria passa a ser dada aos alunos de uma forma não sequencial. E podemos dizer que uma terceira hipótese seria relacionada com a própria metodologia adotada pelo professor no que diz respeito ao ministrar as aulas, pois é ela quem influencia e atinge diretamente os alunos.

Sob um olhar mais geral vimos que as médias dos alunos, tanto da sexta como da sétima série, diminuem em relação ao primeiro ano deles na escola. Mas agora em uma visão mais detalhada, vejamos se a leitura desenvolveu algum papel em meio a esses resultados, começando com a sexta série:

TABELA 8 – situação escolar final dos alunos da sexta série leitores e não leitores.

Situação escolar entre leitores e não leitores da sexta série

Leitor	Situação	Casos	%
Sim	Aprovado	53	69,7
	Aprovado por conselho	9	11,8
	Desistente	1	1,3
	Reprovado	5	6,6
	Transferido	8	10,5
Total		76	100,0
Não computados	Desistente	2	18,2
	Transferido	9	81,8
	Total	11	100,0
Não	Aprovado	52	73,2
	Aprovado por conselho	8	11,3
	Reprovado	11	15,5
	Total	71	100,0
Total		158	100,0

Fonte: A autora

Nas sextas séries entre os alunos leitores os aprovados somam 81,5%, contando os aprovados por média e os aprovados por conselho. Enquanto encontramos 84,5% dos alunos não leitores sendo aprovados segundo os mesmos critérios. Também entre os leitores encontramos casos de desistência e transferências, além das reprovações, essas que aparecem em menor porcentagem e número entre os leitores. A partir desses números, vemos que, diferente do ano

anterior, no qual a leitura recreativa associada a outros fatores atuou como um fator positivo no desempenho dos alunos, na sexta série, mesmo com um número maior de leitores, e sendo o número de leitores e não leitores bastante semelhantes, a leitura parece não ter influenciado muito nas notas.

Comparemos agora a situação escolar entre meninas e meninos leitores e não leitores das sextas séries:

TABELA 9 - situação escolar final entre alunos da sexta série leitores e não leitores, e sexo.

Situação escolar da sexta série relacionada à leitura e sexo

Situação escolar da sexta série relacionada à leitura e sexo					(continua)
Leitor	Sexo	Situação	Casos	%	
Sim	Masculino	Aprovado	22	57,9	
		Aprovado por conselho	9	23,7	
		Reprovado	2	5,3	
		Transferido	5	13,2	
		Total	38	100,0	
	Feminino	Aprovado	31	81,6	
		Desistente	1	2,6	
		Reprovado	3	7,9	
		Transferido	3	7,9	
		Total	38	100,0	
Não computados	Masculino	Desistente	1	16,7	
		Transferido	5	83,3	
		Total	6	100,0	
	Feminino	Desistente	1	20,0	
		Transferido	4	80,0	
		Total	5	100,0	
	Não	Aprovado	19	61,3	
		Aprovado por conselho	6	19,4	
		Reprovado	6	19,4	
		Total	31	100,0	
		Aprovado	33	82,5	
	Feminino	Aprovado por conselho	2	5,0	
		Reprovado	5	12,5	
		Total	40	100,0	

Fonte: A autora

Nas sextas séries entre os alunos leitores os aprovados somam 81,5%, contando os aprovados por média e os aprovados por conselho. Enquanto encontramos 84,5% dos alunos não

leitores sendo aprovados segundo os mesmos critérios. Também entre os leitores encontramos casos de desistência e transferências, além das reprovações, essas que aparecem em menor

porcentagem e número entre os leitores. A partir desses números, vemos que, diferente do ano anterior, no qual a leitura recreativa associada a outros fatores atuou como um fator positivo no desempenho dos alunos, na sexta série, mesmo com um número maior de leitores, e sendo o

número de leitores e não leitores bastante semelhantes, a leitura parece não ter influenciado muito nas notas.

Comparemos agora a situação escolar entre meninas e meninos leitores e não leitores das sextas séries:

TABELA 10 – média dos alunos da sexta série relacionadas à leitura e sexo.

Média da sexta série relacionada à leitura e sexo

(continua)

Leitor	Sexo	Média	Casos	%
Sim	Masculino	Péssimo	8	21,1
		Ruim	12	31,6
		Bom	18	47,4
	Feminino	Total	38	100,0
		Péssimo	6	15,8
		Ruim	6	15,8
		Bom	26	68,4
		Total	38	100,0
Não computados	Masculino	Péssimo	6	100,0
	Feminino	Péssimo	5	100,0
Não	Masculino	Péssimo	3	9,7
		Ruim	12	38,7
		Bom	15	48,4
		Excelente	1	3,2
		Total	31	100,0
	Feminino	Péssimo	3	7,5
		Ruim	6	15,0
		Bom	24	60,0
		Excelente	7	17,5
		Total	40	100,0

Fonte: A autora

Novamente vemos que as meninas, num geral, conseguem ter um desempenho mais elevado que os meninos. Já entre o mesmo sexo, leitoras e não leitoras, as primeiras têm pouco mais que o dobro de notas péssimas do que as meninas que não leram; as notas ruins estão equiparadas, e nas boas notas as leitoras estão à frente das não leitoras, embora entre as últimas exista um percentual de 17,5% de notas excelentes, enquanto que não encontramos nenhuma nota acima de nove entre as meninas que leram. Esses números nos levam a ver que as meninas que não emprestaram nenhum livro conseguiram melhor desempenho do que as colegas leitoras. Já entre os meninos o caso é parecido. Entre as notas péssimas os meninos leitores têm média maior que a dos não leitores; as notas ruins em ambos os

casos estão na casa dos 30%, e as boas notas entre os não leitores é maior do que dos demais colegas, levando-se ainda em consideração o caso de nota excelente. Ou seja, parece que nas sextas séries de 2010, não podemos afirmar que a leitura recreativa exerceu um papel que interferisse positivamente na nota dos alunos.

Supomos que no ano de 2010 houve um fator estimulante para que mais alunos passassem a emprestar livros na biblioteca escolar, esse fator, porém, não parece ter feito surtir uma diferença na nota dos alunos, o que nos leva a pensar que o fator estimulante (se houve realmente) foi algo imposto aos alunos, na forma, por exemplo, de um trabalho escolar, ato esse que faria com o que o aluno constasse em nossas listas como frequentador esporádi-

co da biblioteca.

Até então pudemos ver que na quinta série a leitura “descompromissada” pode ter atuado, aliada às demais atividades necessárias, na nota e na situação final dos alunos; já na sexta série ela parece não ter exercido nenhuma influência positiva sobre as notas dos alunos leitores, se compararmos ao desempenho daqueles que não emprestaram livros neste ano.

Agora, fechando a análise dos três anos, restar-nos ver a sétima série como se relacionou com os livros. Já observamos que da sexta para a sétima o número de leitores cai pela metade, estando até mesmo abaixo do número de leitores encontrados na quinta série. Uma tentativa de explicação para essa queda já foi levantada, a resposta correta, porém, provavelmente não a encontraremos.

Na sétima série temos os seguintes dados:

TABELA 11 – média dos alunos da sétima série.

Média da sétima série

Média	Casos	%
Péssimo	26	17,6
Ruim	25	16,9
Bom	86	58,1
Excelente	11	7,4
Total	148	100,0

Fonte: A autora

Essas médias divididas entre leitores e não leitores:

TABELA 12 – média dos alunos da sétima série entre leitores e não leitores.

Média dos leitores e não leitores da sétima série

Leitor	Média	Casos	%
Sim	Péssimo	2	5,7
	Ruim	3	8,6
	Bom	28	80,0
	Excelente	2	5,7
	Total	35	100,0
Não computados	Péssimo	16	100,0
Não	Péssimo	8	8,2
	Ruim	22	22,7
	Bom	58	59,8
	Excelente	9	9,3
	Total	97	100,0
	Total	148	100,0

Fonte: A autora

As notas dos leitores voltam a ser melhor colocadas que a dos não leitores – as notas péssimas e ruins são inferiores, enquanto que as boas aparecem em maior porcentagem; e, mesmo os não leitores tendo mais notas excelentes que os leitores, se somadas as notas boas e excelentes esses não alcançam a porcentagem daqueles que leram. Em relação a essas notas excelentes, podemos su-

por que esses desempenhos possam estar ligados, possivelmente, a leituras feitas fora da escola.

Um fator que fica claro, comparando os três anos até aqui trabalhados, é que o número de médias excelentes aumentou gradativamente com o passar dos anos. Mas elas se encontram em um número muito maior entre os não leitores. Explicações para isso, infelizmente, não pudemos en-

contrar, a não ser as hipóteses levantadas no começo do capítulo, quando dissemos que as notas excelentes são tiradas por alunos que cumprem à

risca as determinações do professor.

O que nos resta saber agora é que resultado final essas médias apresentaram:

TABELA 13 – situação escolar final dos alunos leitores e não leitores da sétima série

Situação escolar final dos alunos da sétima série

Leitor	Situação	Casos	%
Sim	Aprovado	31	88,6
	Reprovado	2	5,7
	Transferido	2	5,7
	Total	35	100,0
Não computados	Desistente	1	6,3
	Não acompanhou a turma	1	6,3
	Transferido	14	87,5
	Total	16	100,0
Não	Aprovado	71	73,2
	Aprovado por conselho	1	1,0
	Reprovado	24	24,7
	Reprovado por frequência	1	1,0
Total		97	100,0
Total		148	100,0

Fonte: A autora

Os leitores da sétima série tiveram um número maior de alunos aprovados frente o grupo de alunos que não leram; além da grande diferença existente entre os reprovados dos dois grupos, chegando a quase 20% de diferença. Na sétima série voltamos a ver que o ato de ler fez com que os alunos “conseguissem um melhor desempenho” frente aos demais colegas. Isso nos leva a pensar que nem todos os alunos que emprestaram livros na sexta série, e que foram computados como leitores, o eram efetivamente. O fraco desempenho dos leitores deste ano (6^a série) pode ter sido impulsionado, em grande parte, pelas notas baixas

daqueles que, na verdade, não eram efetivamente leitores, mas que possuíam fichas de empréstimos devido a alguma atividade escolar.

Na sétima série o número de leitores é baixo, o que nos leva a constatar que não houve nenhum projeto que os estimulasse a visitar a biblioteca, e que o número de leitores que levantamos é referente àqueles que emprestaram livros por vontade própria. Logo podemos novamente observar que o desempenho dos que leram foi afetado positivamente. Resta, então, ainda vermos se neste ano as meninas conseguiram novamente obter melhores resultados que os meninos:

ELA 14 – média final sétima série relacionada ao sexo e a leitura

Média da sétima série relacionada à leitura e sexo

Leitor	Sexo	Média	Casos	%
Sim	Masculino	Bom	3	100,0
		Péssimo	2	6,3
		Ruim	3	9,4
		Bom	25	78,1
		Excelente	2	6,3
			Total	32
computados	Masculino	Péssimo	10	100,0
	Feminino	Péssimo	6	100,0
Não	Masculino	Péssimo	5	8,5
		Ruim	16	27,1
		Bom	35	59,3
		Excelente	3	5,1
			Total	59
	Feminino	Péssimo	3	7,9
		Ruim	6	15,8
		Bom	23	60,5
		Excelente	6	15,8
			Total	38
		Total	148	100,0

e: A autora

O que deve ser levado em conta na análise de meninos e meninas leitores é o fato de que na sétima série encontramos apenas três meninos que emprestam livros. Os três tiraram médias boas e foram aprovados. Desta forma fica complicado compará-los as meninas leitoras que em maior número tiveram além das médias boas, as péssimas, as ruins e as excelentes. Também fica difícil de compará-los aos meninos não leitores, que também tiraram notas de péssimas a excelentes. O que podemos comparar então, para além disso, é que entre as meninas vemos que as percentagens de notas ruins e péssimas entre as que não emprestaram livros é maior do que entre as que emprestaram. As notas excelentes como vem ocorrendo nos demais anos trabalhados, também é maior entre os não leitores, porém, se somarmos as médias boas e excelentes das leitoras, esta ultrapassa a das não leitoras.

Nas sétimas séries de 2011, assim como nas quintas séries de 2009, também encontramos melhor desempenho entre aqueles alunos que

emprestaram ao menos um livro na biblioteca escolar durante o ano analisado. Fazemos, porém, a ressalva de que neste ano o número de leitores do sexo masculino foi ínfimo. Baseamo-nos nas meninas para fazer essa alegação; mas, fazendo isso, existe o fator de que elas obtiveram melhores notas que os meninos em todos os anos trabalhados, independentemente de serem elas leitoras ou não. Ou seja, na sétima série a comparação de situação e notas se mostra mais complicada, pois o número de leitores é pequeno frente ao total de alunos. Mas claro fica que aqueles que emprestaram livros conseguiram ter um desempenho melhor se comparado ao daqueles que não o fizeram.

Com base nesses três anos acompanhando os alunos que entraram na escola Nossa Senhora das Graças na quinta série de 2009, e demais alunos que entraram posteriormente, podemos concluir que a leitura, quando realizada por vontade própria, interfere positivamente no desempenho dos alunos, como a exemplo das quintas e das sétimas

séries. Já quando ela é resultante de uma atividade escolar, ela tende a se mostrar como uma obrigação, (o que pode acabar afugentando o gosto pela leitura) e, ocorrendo isso, o seu desempenho será também afetado, mas de uma forma negativa como vemos a exemplo das sextas séries.

O uso da leitura e da biblioteca de maneira “inadequada” é recorrente. Muitas vezes os professores estabelecem uma atividade de pesquisa aos alunos, e lhes mandam pesquisar na biblioteca. Como afirma Silva, essa prática se mostra como “um tipo de tarefa que nunca explica muito bem a que veio e como fica” (SILVA, 1999). Isso faz com que a leitura não seja totalmente aproveitada; o que acontece durante a pesquisa escolar é apenas a cópia, a transcrição dos dados do livro para o caderno. Outra maneira errônea de trabalhar com a biblioteca escolar é usando-a como espaço de castigo para os alunos que se portam de maneira considerada inadequada pelos professores. Quando isso ocorre à biblioteca é conferida uma figura negativa, que transmitirá aos alunos um sentimento de aversão àquele espaço.

A leitura quando realizada de maneira crítica pode transformar os indivíduos e o meio onde vivem. A partir do momento que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, o indivíduo torna-se questionador, e começa a conhecer o ambiente onde vive e porque vive assim. Da mesma forma deveria ocorrer na escola. A leitura do mundo deveria preceder a leitura da palavra; aos alunos deveria ser incentivado um modo de ler que os educasse para além do dever escolar. Percebemos que a leitura interfere no modo de ser do aluno, porém, quando não estimulado esse hábito, em grande parte dos casos, ele tende a ir se apagando, vai sendo substituído por outras atividades, como vemos no exemplo dos alunos da escola Nossa Senhora das Graças, que com a chegada da adolescência vão deixando de lado o hábito de ler de lado. A adolescência, porém, pode não ter sido o único fator influenciador dessa queda do número de leitores. O que pode ter ocasionado essa diminuição é a experiência pela qual esses alunos passaram ao serem forçados a ler. Forçados no sentido de terem de fazer o empréstimo em troca de notas ou pontos.

No momento em que a leitura, que seria re-creativa, passa ter um caráter de obrigação, ela deixa de ser uma ferramenta que auxiliará os alunos a terem um melhor desempenho. Ou seja, a forma como o professor irá lidar com a leitura,

será fundamental para esse melhor desempenho do discente. A influência do professor é de extrema importância na formação de um novo público de leitores. São questões como essas, e sobre a relação e opinião própria dos alunos frente à leitura que iremos ver no próximo capítulo.

Da opinião dos pesquisados

A leitura coloca-se como um meio para se obter um melhor desempenho em sala de aula, mas não como um fim. Como propõe Ezequiel Theodoro da Silva (1983), muitas pessoas podem ter carreiras e vidas bem sucedidas sem nem mesmo ter encostado, em toda sua vida, num livro. Porém, sabemos que a leitura quando realizada de maneira crítica, e associada a outros fatores, pode estimular o indivíduo a enxergar de outra maneira o mundo e o espaço onde vive e convive. O desenvolvimento de uma visão crítica pode incitar o indivíduo a questionar o sistema que rege a sua vida, e isso, como vemos em Silva, Apple, e McLaren, é o que a elite dominante abomina, já que desta forma a sua hegemonia seria posta em perigo. O indivíduo necessita se emancipar, e existe mais de um meio para que ele alcance isso; porém, em nossa pesquisa focamos a leitura como um dos instrumentos para que esse ato se concretize.

A leitura, além de ser um meio de conhecimento, é uma forma de prazer e de lazer. Como apresentado no início deste trabalho, sabemos que quando se trata de sociedade brasileira, existe um déficit em relação ao ato da leitura. Grande parte da população não cultiva o hábito de ler, sejam revistas, folhetos, cartazes ou livros. No que se refere aos que são responsáveis, sabemos muito bem o estado em que se encontram as bibliotecas públicas e as escolares: as condições espaciais são precárias, o material desatualizado, e o incentivo à leitura ainda não abrange todas as carências. Esse incentivo, porém, não deve vir apenas das campanhas televisivas promovidas pelo governo; ele deve surgir, dentre outros lugares, da casa, do trabalho, das instituições sociais, e da escola. A leitura é um direito de todos, e todos deveríamos ter acesso aos meios que nos levassem a ela.

Geralmente indicamos a terceiros apenas aquilo que conhecemos. Como indicar então livros e leituras, se o acesso a eles é por sua vez dificultado, se muitas vezes nem familiarizado

com eles nós estamos. O valor aquisitivo é alto, as bibliotecas, como já citamos, ainda não se encontram devidamente adequadas, e em muitas escolas – que em muitos casos atua como primeiro contato do indivíduo com os livros – esses livros ficam trancados em estantes.

No caso do Colégio Nossa Senhora das Graças, existe um espaço que possibilita esse encontro entre a leitura e os indivíduos. Vimos no capítulo anterior que a biblioteca da escola Nossa Senhora das Graças é ativa, ou seja, ela fica a disposição dos alunos, professores e demais funcionários da escola, todos os dias da semana nos três turnos em que a escola funciona.

Como explicitado no início do trabalho, nosso objetivo é acompanhar sequencialmente um grupo de alunos e a sua relação com a leitura durante quatro anos. Nos três primeiros anos conseguimos atingir nosso objetivo através da análise das fichas de empréstimo de livros. E no último aplicamos um questionário acerca dessa relação. Já trabalhados no capítulo anterior os três anos, chegou à hora de abordarmos esses alunos, que hoje se encontram nas oitavas séries. Neste questionário foram incluídas questões mais abrangentes relacionadas à leitura, à biblioteca escolar e à disciplina de história.

O questionário é composto pelas seguintes questões: a relação dos alunos com a leitura, a última leitura feita por eles além das pedidas pela escola, quanto tempo faz que leram o último livro, a frequência com que leem livros fora os didáticos, a opinião dos alunos sobre a biblioteca escolar, se fizeram o empréstimo de livros nos anos anteriores e no corrente, a opinião dos alunos acerca da relação existente entre leitura e desempenho escolar, a opinião acerca da quantidade de leitura

que a matéria de história exige, se costumam ver seus pais lendo em casa e se possuem livros em casa. O questionário foi elaborado a partir da escala Likert, que visa medir o nível de concordância dos indivíduos para com determinado assunto.

Os alunos que responderam o questionário somam 81% dos 120 matriculados na antiga oitava série, hoje nono ano; em números reais eles são 98 alunos que estavam na escola no dia em que o questionário foi aplicado. Os cento e vinte alunos estão distribuídos em quatro turmas correspondentes as turmas A, B, C e D; todas elas frequentando o período matutino. Dos alunos que responderam o questionário 55 foram meninas e 43 meninos.

Mais uma vez utilizamos, como na análise dos anos anteriores, as listagens contendo as notas dos alunos. Nos anos anteriores trabalhamos com as médias anuais na disciplina de história; agora, porém, contabilizaremos a média semestral, por não haver-se encerrado ainda o ano letivo e por ser a única disponível até então.

No ano anterior a sétima série contava com 148 alunos, e a oitava deste ano conta com 120, sabemos que 45 alunos das sétimas séries do ano de 2011 não estão na oitava série desse ano de 2012. Sabemos então que 17 novos alunos entraram na escola neste ano. Também sabemos que, desses alunos com quem viemos trabalhando, o número dos que emprestaram livros sempre foi consideravelmente baixa, sendo que apenas no ano de 2010 houve uma porcentagem maior de leitores, que foram impulsionados por um fator externo a emprestarem livros na biblioteca. Porém, não é isso que esses alunos afirmam, ao responderem o questionário a eles aplicado:

15 – Número de alunos que declararam ter emprestado livros da biblioteca escolar nos anos anteriores e vieram na escola.

Empréstimo de livros nos anos anteriores

Empréstimo	Casos	%
Sim	85	86,7
Não	13	13,3
Total	98	100,0

A autora

Mais de 86% declararam que emprestaram livros da biblioteca, por vontade própria, nos anos anteriores em que estiveram na escola. Através de um levantamento feito do número total de leitores, ou melhor, daqueles que emprestaram ao menos um livro nos três anos trabalhados, encontramos 97 alunos dentre os 234 do total dos quatro anos. Desses 97 leitores apenas 78 continuaram até a oitava série, os outros dezenove não puderam prosseguir por motivos de reprovações, desistências ou mudança de escola. Ou seja, encontramos um número maior de alunos alegando terem emprestado livros nos anos anteriores do que o número real. Temos ainda de levar em conta que quase 20% dos alunos da oitava série não responderam esse questionário, e que esses 13% que afirmaram não ter realizado nenhum empréstimo pode ser também composto por alunos que ingressaram na escola no corrente ano.

Oitenta e seis alunos afirmaram ter emprestado

ao menos um livro para fins de lazer. Encontramos, assim, oito crianças que não aparecem em nossos cálculos dos anos já trabalhados. Podemos, então, fazer duas suposições para esse fato: primeiramente que esses alunos faziam parte daquelas fichas da quinta série que foram perdidas; e em segundo lugar que eles não falaram a verdade no questionário. Essa última alternativa deve ser levada em consideração, se pensarmos no número de leitores que encontramos na sexta série, e em nossa conclusão para esse número – que se referia a um estímulo externo para o aumento do número de empréstimos, e que esses, em certo número, foram realizados a pedido de professores – uma vez que a pergunta do questionário se referia a empréstimos por vontade própria, e não os decorrentes de pedidos para trabalhos escolares.

Vemos que uma grande porcentagem de alunos afirmou ter realizado empréstimos, também por vontade própria, na biblioteca escolar neste ano, conforme o gráfico a seguir:

Tabela 16 – porcentagem de alunos que emprestaram livros no corrente ano.

Empréstimo de livros no corrente ano		
Empréstimo	Casos	%
Sim	56	57,1
Não	40	40,8
Não respondeu	2	2,0
Total	98	100,0

Fonte: A autora

A porcentagem de alunos que afirmam ter realizado empréstimo de livros no corrente ano é superior ao encontrado nos anos anteriores. Também nesse caso devemos levar em conta que apenas pouco mais de 80% dos alunos responderam o questionário. Dos 98 alunos que responderam encontramos 57,1% afirmado terem emprestado ao menos um livro na biblioteca escolar até o mês de setembro de 2012. É um número relativamente alto, o que nos faz pensar na veracidade desse dado. Desta forma, resolvemos comparar esse número com um novo levantamento dos leitores através das fichas de empréstimo desse ano. E se caso o número for real, tentaremos levantar alguma hipótese explicativa para esse aumento da média de leitores, já que até então havíamos visto que a tendência era que esse número diminuisse.

Realizado o levantamento das fichas de empréstimo do ano de 2012, encontramos um número ainda maior de alunos retirando livros da biblioteca escolar, do que aqueles declarados por eles mesmos, sendo esses 56. Do levantamento feito a partir da biblioteca encontramos 67 fichas de alunos das oitavas séries. Sabemos que esses 11 leitores a mais faltaram à escola no dia em que o questionário foi aplicado; então, 55% do total de alunos retiraram livros até o mês de setembro. Como já citado, esse número é alto em relação aos anos anteriores, e devemos ter em conta que ainda dispomos de, pelo menos, dois meses e meio – da data em que o questionário foi aplicado, para o final do ano letivo. Tempo suficiente para que mais alunos começem a frequentar a biblioteca.

Um caso observado e que merece ser levado em consideração é que muitos alunos utilizam a aula de educação física ou aulas vagas para pegar livros da biblioteca e ler dentro desse tempo. Esses alunos não emprestam o livro, eles apenas o retiram do espaço por alguns minutos ou algumas horas; sendo assim, não estariam encaixados em nossa pesquisa, pois eles utilizam-se dos materiais da biblioteca mesmo não tendo uma ficha de empréstimos. Esses casos, porém, ficariam perdidos em nosso trabalho, pois não saberíamos quem seriam esses alunos, já que nos três primeiros anos trabalhados conseguimos rastrear os alunos leitores apenas através das fichas de empréstimos. E no quarto ano trabalhado, o número de declarantes e o número real de leitores coincidiram, ou seja, os próprios alunos que praticam esse ato não falaram que pegaram material da biblioteca este ano.

Quando perguntado aos alunos quanto tempo fazia que realizaram a leitura de um livro, suas declarações nos dão margem para supor que eles

fizeram leituras de livros que estão além do empréstimo da biblioteca escolar, podemos ainda encaixar o caso citado acima, nesta categoria do leitor que não efetuou empréstimo da biblioteca de sua escola. Que fique claro que, quando falamos em leitura de um livro, não estamos nos referimos especificamente da leitura deste na íntegra, mas sim da leitura de conteúdo do livro. Até mesmo porque muitos alunos retiram livros da biblioteca mas não os leem, e, ocorrendo realmente isso, infelizmente não teremos como identificá-los para trabalhar com esse fato na pesquisa.

Os alunos que declararam ter emprestado material da biblioteca no ano de 2012 somam 56, enquanto que 88 alunos declararam ter tido contato com um livro no período de um ano. Ou seja, é dessa diferença de números para mais, que levantamos a hipótese de que os alunos vêm tendo contato com livros além dos retirados na biblioteca escolar. Como podemos observar nos dados abaixo:

Tabela 16 – porcentagem de alunos que emprestaram livros no corrente ano.

Empréstimo de livros no corrente ano

Empréstimo	Casos	%
Sim	56	57,1
Não	40	40,8
Não respondeu	2	2,0
Total	98	100,0

Fonte: A autora

A porcentagem de alunos que afirmam ter realizado empréstimo de livros no corrente ano é superior ao encontrado nos anos anteriores. Também nesse caso devemos levar em conta que apenas pouco mais de 80% dos alunos responderam o questionário. Dos 98 alunos que responderam encontramos 57,1% afirmando terem emprestado ao menos um livro na biblioteca escolar até o mês de setembro de 2012. É um número relativamente alto, o que nos faz pensar na veracidade desse dado. Desta forma, resolvemos comparar esse número com um novo levantamento dos leitores através das fichas de empréstimo desse ano. E se caso o número for real, tentaremos levantar alguma hipótese explicativa para esse aumento da mé-

dia de leitores, já que até então havíamos visto que a tendência era que esse número diminuisse.

Realizado o levantamento das fichas de empréstimo do ano de 2012, encontramos um número ainda maior de alunos retirando livros da biblioteca escolar, do que aqueles declarados por eles mesmos, sendo esses 56. Do levantamento feito a partir da biblioteca encontramos 67 fichas de alunos das oitavas séries. Sabemos que esses 11 leitores a mais faltaram à escola no dia em que o questionário foi aplicado; então, 55% do total de alunos retiraram livros até o mês de setembro. Como já citado, esse número é alto em relação aos anos anteriores, e devemos ter em conta que ainda dispomos de, pelo menos, dois meses e meio – da

data em que o questionário foi aplicado, para o final do ano letivo. Tempo suficiente para que mais alunos começem a frequentar a biblioteca.

Um caso observado e que merece ser levado em consideração é que muitos alunos utilizam a aula de educação física ou aulas vagas para pegar livros da biblioteca e ler dentro desse tempo. Esses alunos não emprestam o livro, eles apenas o retiram do espaço por alguns minutos ou algumas horas; sendo assim, não estariam encaixados em nossa pesquisa, pois eles utilizam-se dos materiais da biblioteca mesmo não tendo uma ficha de empréstimos. Esses casos, porém, ficariam perdidos em nosso trabalho, pois não saberíamos quem seriam esses alunos, já que nos três primeiros anos trabalhados conseguimos rastrear os alunos leitores apenas através das fichas de empréstimos. E no quarto ano trabalhado, o número de declarantes e o número real de leitores coincidiram, ou seja, os próprios alunos que praticam esse ato não falaram que pegaram material da biblioteca este ano.

Quando perguntado aos alunos quanto tempo

fazia que realizaram a leitura de um livro, suas declarações nos dão margem para supor que eles fizeram leituras de livros que estão além do empréstimo da biblioteca escolar, podemos ainda encaixar o caso citado acima, nesta categoria do leitor que não efetuou empréstimo da biblioteca de sua escola. Que fique claro que, quando falamos em leitura de um livro, não estamos nos referimos especificamente da leitura deste na íntegra, mas sim da leitura de conteúdo do livro. Até mesmo porque muitos alunos retiram livros da biblioteca mas não os leem, e, ocorrendo realmente isso, infelizmente não teremos como identificá-los para trabalhar com esse fato na pesquisa.

Os alunos que declararam ter emprestado material da biblioteca no ano de 2012 somam 56, enquanto que 88 alunos declararam ter tido contato com um livro no período de um ano. Ou seja, é dessa diferença de números para mais, que levantamos a hipótese de que os alunos vêm tendo contato com livros além dos retirados na biblioteca escolar. Como podemos observar nos dados abaixo:

Tabela 17 – quantidade de tempo que os alunos realizaram a leitura do último livro.

Tempo que leu o ultimo livro

Período	Casos	%
Menos de um mês	63	64,3
Entre um e três meses	18	18,4
Entre três meses e um ano	7	7,1
Mais de um ano	5	5,1
Nunca li um livro	5	5,1
Total	98	100,0

Fonte: A autora

A partir desses números também vemos que alguns alunos nunca nem mesmo leram um livro, e que alguns estão afastados deles há pelo menos um ano. Os motivos para explicar esses números podem ser muitos, mas acredito que o que melhor se encaixa nessa categoria é o desgosto próprio pela leitura. A leitura entre esses alunos quando foi realizada se deu por um motivo maior que o próprio

prazer, como a curiosidade ou até mesmo a imposição; resultado disso foi terem passado, a partir disso, a ver a leitura não como uma forma de diversão e lazer antes de tudo, mas como uma obrigação enfadonha. Felizmente, vemos que um bom número de alunos mantém um contato frequente com a leitura prazerosa. Isso se constata quando observamos a frequência com que eles leem.

belo 18 – frequência com que os alunos lêem livros por vontade própria

Frequência com que lê

Frequência	Casos	%
Toda semana	22	22,4
Algumas vezes por mês	45	45,9
Uma vez ou outra durante o ano	8	8,2
Raramente	18	18,4
Nunca	5	5,1
Total	98	100,0

Fonte: A autora

Podemos observar que os números apresentados nas duas tabelas anteriores coincidem: os alunos que leram um livro entre três meses e um ano e os que o fizeram a mais de um ano podem ser inseridos na categoria de que leem raramente. Aqueles que afirmaram nunca ter lido um livro não se contradisseram no restante das questões. Podemos também levantar outra hipótese alegando que muitos alunos possuem livros

emprestados no período em que o questionário foi respondido, pois 63 alegaram ter lido um livro em menos de um mês, enquanto que apenas vinte e dois falam ler toda semana. Esses livros, como já mencionamos, podem ter sido retirados da biblioteca escolar ou de outro espaço, como, por exemplo, de suas próprias casas; pois, como podemos observar no gráfico a seguir, muitos possuem livros em casa:

Tabela 19 – número de livros que os alunos possuem em casa.

Número de livros que possui em casa

Número	Casos	%
Nenhum	21	21,4
Entre um e dez	52	53,1
Entre onze e cinquenta	16	16,3
Entre cinquenta e um e cem	3	3,1
Mais de cem	6	6,1
Total	98	100,0

Fonte: A autora

Supomos então que dos 88 alunos que declararam ter tido contato com um livro no período de um ano, vinte e sete deles realizaram essa leitura de um material proveniente de suas próprias casas, ou de empréstimos de amigos, vizinhos, da biblioteca escolar por apenas algumas horas, ou até mesmo da biblioteca pública.

Podemos perceber que grande parte dos alunos possui livros em casa, e alguns possuem um

bom número deles. Dos que declaram não possuir livros em casa, encontramos vinte e um alunos, e dos que afirmaram nunca ter lido um livro encontramos cinco alunos. Esse fator comprova que o incentivo a leitura não vem apenas de casa, que ele pode se formar através de uma discussão com os colegas sobre determinado texto que um tenha lido e outro não, através do comentário de alguém sobre determinada obra ou filme, através

da simples convivência em um ambiente que possua livros, ou através do incentivo em sala de aula e na escola. Constatamos isso quando vemos a

resposta desses alunos, referente a se eles costumam ver seus pais lendo em casa, sejam revistas, jornais, livros, etc.

Tabela 20 – a frequência com que os alunos veem seus pais lendo.

Frequência que veem seus pais lendo

Frequência	Casos	%
Nunca	21	21,4
Raramente	14	14,3
Às vezes	36	36,7
Várias vezes	13	13,3
Todos os dias	14	14,3
Total	98	100,0

Fonte: A autora

Se olharmos atentamente os resultados das respostas quanto à frequência com que veem os pais lendo e a quantidade de livros que possuem em casa, podemos perceber que o número de crianças afirmando não possuí-los é o mesmo dos que alegam não verem seus pais lendo. A pergunta, no entanto, não se referia apenas à leitura de livros, mas de outros materiais, embora essa questão deva ser considerada como uma possível ligação entre não ter o costume de ver seus pais

lendo, e o desgosto do aluno pela leitura; pois o incentivo não vem apenas de casa, mas este é um ambiente bastante propício para que o hábito da leitura comesse a florescer. Mesmo assim, vemos que os alunos recebem incentivos a esse hábito por outras vertentes que não de sua casa. E, conforme a tabela abaixo, esse incentivo que gera o contato dos alunos com o livro, primeiramente por curiosidade, faz com que eles tomem gosto pela prática.

Tabela 21 – relação dos alunos com a leitura.

Relação com a leitura

Relação	Casos	%
Não gosto de ler	5	5,1
Gosto pouco de ler	27	27,6
Gosto mais ou menos de ler	31	31,6
Gosto de ler	24	24,5
Gosto muito de ler	11	11,2
Total	98	100,0

Fonte: A autora

Esses resultados só reforçam os dados que tínhamos colhendo até o momento, pois vemos que, talvez, os cinco alunos que declararam nunca terem lido um livro sejam os mesmos que alegam não gostarem de ler. Os dezessete alunos que dizem gostar pouco de ler, podem também ser aqueles que dizem ler raramente, ou uma vez ou outra no ano. Os que gostam de ler e que gostam muito, se inserem entre aqueles que dizem ler toda semana ou algumas vezes por mês. Num panorama geral vemos que encontramos um número alto de alunos relacionados com a leitura e os livros. Diferente do que encontramos nos anos anteriores, onde a soma dos leitores dos três anos é um número não muito distante daqueles que dizem ter retirado algum livro da biblioteca nesse ano de 2012.

No ano de 2012 houve um crescimento bastante claro no número de alunos que retiraram ao menos um livro da biblioteca escolar. No capítulo anterior

levantamos hipóteses para esse fato quando ocorrido na sexta série; naquele caso, porém, os alunos leitores tiraram médias iguais ou menores dos que não leram, logo, imaginamos que o empréstimo de livros foi algo forçado aos alunos. Vimos, também, que, com o passar dos anos, o número de leitores foi diminuindo, e diante disso concluímos que com a chegada da adolescência outras atividades foram se mostrando mais atraentes a eles do que a leitura. Essas nossas teorias, porém, se mostraram não totalmente verídicas, já que com o resultado encontrado nas oitavas séries, constatamos que grande parte dos alunos lê, frequenta a biblioteca e até mesmo lê com certa frequência. Como o foco do nosso trabalho se volta à biblioteca escolar, e como muitos alunos se mostraram, em 2012, freqüentadores assíduos, perguntamos a eles como era o seu conhecimento deste espaço:

Tabela 22 – nível de conhecimento e concordância dos alunos com a biblioteca escolar.

Conhecimento da biblioteca

Relação	Casos	%
Não conheço a biblioteca da minha escola	3	3,1
Não conheço a biblioteca da minha escola	7	7,1
Acho que há poucos livros interessantes que eu gostaria de ler	44	44,9
Acho que há vários livros interessantes que eu gostaria de ler	18	18,4
A biblioteca da minha escola é muito boa em quantidade e qualidade de livros para os alunos	26	26,5
Total	98	100

Fonte: A autora

Quando dessa questão, as respostas seguem em número maior para o descontentamento em relação ao material da biblioteca, do que a satisfação. 51 alunos alegam não haver, ou haver poucos livros que gostariam de ler, frente a 18 que afirmam haver vários títulos interessantes na biblioteca escolar, e 26 que dizem estarem satisfeitos com a quantidade e qualidade de livros presentes na biblioteca. Nos 3% que não conhecem a biblioteca escolar podem estar inseridos os alunos que entraram no corrente ano na escola, e que até então não visitaram esse espaço, além, é claro, de que nessa porcentagem podem estar inseridos os que dizem não gostar de ler.

Pudemos perceber que a leitura é algo que se faz presente entre os alunos da oitava série. Como citado no capítulo anterior, podemos pensar que quando é realizada a leitura recreativa, ela pode funcionar como um estímulo para que os alunos passem a ler mais o material passado e pedido pelos professores, o que consequentemente os faria ter um maior rendimento em sala de aula, que resultaria por sua vez em mais conhecimento, mais criticidade e melhores notas. Mas e qual a opinião dos próprios alunos em relação a isso? Será que também concordam que a leitura prazerosa possa influenciá-los em sala de aula?

Tabela 23 – opinião dos alunos acerca da relação entre leitura e desempenho escolar.

Relação entre leitura e desempenho escolar

(continua)

Opinião	Casos	%
Acho que a leitura pode atrapalhar meu desempenho escolar	4	4,1
A leitura tem pouca importância no meu desempenho escolar	5	5,1
(conclusão)		
Tanto faz ler ou não ler para meu desempenho escolar	7	7,1
A leitura tem alguma importância no meu desempenho escolar	23	23,5
A leitura é totalmente importante para meu desempenho escolar	59	60,2
Total		98 100,0

Fonte: A autora

Podemos perceber que mais da metade dos alunos que responderam o questionário acreditam que a leitura prazerosa, associada à leitura do material escolar, pode influenciar em seu desempenho na sala de aula. Feito um levantamento manual encontramos os seguintes dados: dos quatro alunos que acreditam que a leitura pode atrapalhar seu desempenho, um declarou não gostar de ler, outro que gosta pouco de ler, outro que gosta mais ou menos e ler, e o último que gosta muito de ler. Dos que acreditam que a leitura tem pouca relação com o desempenho: dois alunos não gostam de ler, um gosta pouco, um gosta de ler e outro gosta muito de ler. Dos que acham que a leitura é indiferente para seu desempenho: cinco gostam pouco de ler, um gosta mais ou menos de ler, e um gosta e ler. Dos que acreditam que a leitura tem alguma importância no desempenho escolar (e que representam mais de 20% dos alunos): um não gosta de ler, cinco gostam pouco de ler, nove gostam mais ou menos de ler, sete gostam de ler, e um gosta muito de ler. E em relação à grande maioria das opiniões – a de que a leitura é totalmente

importante para um melhor desempenho escolar: um não gosta de ler, quinze gostam pouco de ler, vinte gostam mais ou menos de ler, quinze gostam de ler, e oito gostam muito de ler.

A partir destes dados, é-nos perceptível que as opiniões são bastante divididas em relação ao papel que a leitura recreativa exerce no desempenho escolar. O que fica claro, porém, são os alunos, de forma geral, e em sua maioria, concordarem que a leitura recreativa exerce um papel positivo em seu desempenho e em suas notas. Porém, encontramos alunos que dizem gostar muito de ler, alegando, ao mesmo tempo, que a leitura recreativa pode atrapalhar seu desempenho ou que ela tem pouca importância no seu desempenho, enquanto que também encontramos outros que dizem não gostar de ler, alegando as mesmas coisas. Então, qual seria a requisito usado por esses alunos para medir a relação entre a leitura e o desempenho? Quando observado seus desempenhos comparados a leitura e sexo, podemos perceber que as médias entre ambos os grupos é muito parecida:

Tabela 24 – média dos alunos relacionada a sexo e leitura.

Média da sétima série relacionada à leitura e sexo

Leitor	Sexo	Média	Casos	%	
Sim	Masculino	Péssimo	2	10,0	
		Ruim	3	15,0	
		Bom	15	75,0	
Feminino	Feminino	Total	20	100,0	
		Péssimo	1	2,8	
		Ruim	6	16,7	
		Bom	28	77,8	
Não respondeu	Masculino	Excelente	1	2,8	
		Total	36	100,0	
	Feminino	Bom	1	100,0	
		Total	1	100,0	
	Não	Masculino	Péssimo	1	4,5
		Ruim	7	31,8	
		Bom	14	63,6	
Feminino	Masculino	Total	22	100,0	
		Péssimo	2	11,1	
		Ruim	5	27,8	
		Bom	11	61,1	
Total	Total	Total	18	100,0	
		Total	98	100,0	

Fonte: A autora

Observamos que mais de 70% dos alunos estão com a média semestral acima de seis pontos, e que existem seis casos que correm um maior perigo de sofrer uma reprovação no final do ano letivo, se não melhorarem suas notas nos bimestres seguintes. As notas ruins também aparecem em uma considerável porcentagem. Os meninos e as meninas tiveram médias muito parecidas, e as porcentagens entre notas péssimas, ruins e boas não ultrapassam 3% de diferença. Uma das únicas diferenças significativas é em relação às notas péssimas, em que, entre os leitores, encontramos uma maior porcentagem entre os meninos; enquanto que entre os não leitores a porcentagem é maior entre as meninas. Podemos pensar então que a opinião dos alunos quanto à relação entre leitura e desempenho é baseada no seu desempenho e sua experiência pessoal atuais.

No capítulo anterior observamos que as meninas sempre apareciam em maior número como retirantes de livro da biblioteca, ao mesmo tempo

em que, independente de emprestarem ou não livros, tiravam geralmente melhores médias que os meninos. Nesse ano, porém, observamos que as notas obtidas por ambos os sexos são parecidíssimas nesse primeiro semestre. Já entre os alunos de mesmo sexo relacionando a leitura ao desempenho, podemos ver que os meninos que leem têm uma porcentagem maior de notas péssimas que os que não o fazem. Já as notas ruins entre os que não leem aparecem em valor dobrado do que no outro grupo, e quanto as notas boas entre os que retiram livros da biblioteca encontramos mais de 10% de diferença frente ao grupo de alunos que não leem. Quanto às meninas, a porcentagem de notas péssimas entre as que não leem é maior do que entre as que retiram livros da biblioteca. A porcentagem de notas ruins e boas é menor entre as que não fazem empréstimos, e entre as meninas que leem encontramos também um caso que tirou média considerada excelente. Ou seja, os meninos e as meninas que retiraram material

da biblioteca escolar tiveram um melhor desempenho dos que não o fizeram.

Dos alunos com que trabalhamos neste capítulo apenas cinco disseram não gostar de ler, o

restante ficou disperso entre gostar pouco e gostar muito de ler. Mas o que esses alunos andam lendo, livros e outros materiais como revistas ou gibis, ou preferem ler coisas da internet?

Tabela 25 – caráter da ultima leitura realizada.

Ultima leitura realizada

Objeto	Casos	%
Livro	23	23,5
Título de livro	28	28,6
Revistas	5	5,1
Não leu ou não lembra	19	19,4
Gibis/Mangás	5	5,1
Internet	18	18,4
Total	98	100,0

Fonte: A autora

A resposta para essa questão era aberta. Como a diversidade de respostas não era grande e elas se inseriam em categorias, separamo-las da seguinte maneira: livros para quando a resposta do aluno foi “livro”; título de livro quando a resposta do aluno foi preenchida com o título da obra que estava ou está lendo; revistas, não leu ou não lembra qual foi a última leitura, gibis e mangás, e internet quando os alunos lerem textos, manchetes ou mensagens da internet. A pergunta em questão referia-se a última leitura realizada pelos alunos fora o material didático. No entanto, foram encontradas algumas respostas referindo-se a última leitura como a de material pedido pelo professor, como por exemplo: “livro de português para trabalho”. Essas respostas foram então inseridas na categoria não leu ou não lembra qual foi a última leitura, por não estarem de acordo com a pergunta. Desta forma não podemos afirmar que esses alunos realmente não leem ou que não se lembram da última leitura feita, exceto o material didático e o pedido pelo professor.

Da última leitura realizada pelos alunos 52% foi de livros, o que corrobora os números levantados até então, alegando que os alunos da oitava série,

que vem sendo acompanhados desde 2009, neste ano leram mais do que nos demais, e que realizaram essas leituras por vontade própria. O fato desses alunos também lerem outros materiais, como revistas e gibis/mangás demonstra que o gosto pela leitura.

Sabemos no que presente ano a escola não desenvolveu nenhum projeto de leitura, que poderia ter sido um dos motivos do acréscimo no número de leitores, embora tenhamos a experiência do ano de 2011 quando a escola elaborou um projeto¹³, mas mesmo assim o número de retirantes de livros foi pequeno, inclusive, a menor média dentre os quatro anos.

Que teria então acontecido para que esses alunos começassem a frequentar a biblioteca em grande número neste ano? Nas perguntas do questionário e na aplicação deste, enfatizamos que as questões sobre leituras, se referiam aquelas feitas por vontade própria, e não as pedidas a encargo escolar, e nem a de material didático. Muitos deles podem trazer influência de casa, mas esses podem ser os alunos que já liam desde a quinta série. Olhando as fichas de empréstimo, quando do levantamento dos

13 O projeto chamava-se “ler é o caminho” e era aberto a todos os alunos da escola. Os alunos que melhor se destacaram nas atividades propostas pelo projeto ganharam como prêmio uma ida ao cinema. Segundo a organizadora do projeto, apenas os alunos que realmente mantêm o hábito da leitura participaram, sendo seu número bastante pequeno.

leitores, alguns títulos de livros apareciam constantemente, como por exemplo, a obra de Shakespeare “Romeu e Julieta”, alguns alunos também citaram que essa obra havia sido sua última leitura; ouvimos de uma professora que muitos alunos vão atrás de obras citadas por eles em sala de aula, como ocorreu com a obra acima, e com o livro “O diário de Anne Frank”, citado pela professora como exemplo. Ou seja, muitos alunos podem ter começado a ler devido a influência, até mesmo indireta, dos professores.

Quando a leitura se dá dessa maneira, influenciada pelo professor, ela tende a ser duplamente positiva, pois irá despertar o gosto pela leitura nos alunos, e os irá ajudar em seu desempenho em sala de aula, uma vez que a obra citada complementa a matéria dada, e que poderá fazer com que o aluno passe a ler mais.

Embora os alunos leitores e não leitores tenham tirados médias muito semelhantes, ainda é muito cedo para falar do real desempenho desses dois grupos. Eles ainda precisam de notas de mais dois bimestres para vermos então seus reais desempenhos.

A influência da escola e do professor é de grande importância, assim como a familiar. Às vezes o que o aluno necessita é apenas um empurrão, um estímulo para se aventurar a ler, para ver que a leitura não é apenas uma obrigação, que ela pode ser prazerosa e até mesmo um passatempo. Além ainda de que ela pode ser um instrumento de cultura e emancipação pessoal, que durante muito tempo foi bloqueada ao acesso das classes populares.

Como Silva alega, somente o trabalho da educação não é o suficiente:

É importante ressaltar que a alfabetização, apesar de ser um componente essencial para a formação de leitores, não é suficiente, em si mesma, para garantir a evolução da leitura numa sociedade. De que adianta “saber ler” se os objetos de leitura (livros, jornais, revistas, etc.) não são colocados à disposição do indivíduo? De que adianta “ser letrado” se não há tempo para o usufruto dos bens culturais escritos? De que adianta “ser alfabetizado” se não há dinheiro para a aquisição de obras? De que adianta “saber ler” se não existe um projeto social orientado para despertar a consciência crítica através da leitura? Estas perguntas revelam que outras condições, de ordem sociocultural e econômica, são necessárias para que a prática da leitura seja efetivamente exercida.” (SILVA, 1983, p. 23)

Para que haja esse incentivo é necessário, porém, que a leitura seja popularizada. É preciso que se comece a fazer aquilo que não foi feito quando da autorização dos prelos no Brasil. Se faz

necessário investir em educação, em criação de livraria e bibliotecas, em edição de livros, em formação de profissionais qualificados para trabalhar em bibliotecas e profissionais para cuidar dela. É necessário que se crie, a até então inexistente, consciência bibliotecária no Brasil, é necessário mudar a mentalidade da população.

Pudemos ver que a leitura influência sim num melhor desempenho escolar. Mas essa leitura precisa ser trabalhada, o que encontramos nas escolas, ou pelo menos na escola em questão, não é uma leitura crítica, incorporada por toda a equipe pedagógica. A procura pela biblioteca escolar existe, e os alunos que estão lendo vêm conseguindo um melhor desempenho dentro da sala de aula; a leitura está mesmo funcionando como uma ferramenta para esses alunos melhor se adaptarem ao modo como a educação é pensada e transmitida. O que se faz necessário agora é uma conscientização em relação a esse fato.

Enquanto a mentalidade do povo brasileiro, e principalmente da elite dominante, não se transformar, continuaremos formando profissionais condizentes com a vontade daqueles que estão no poder. A popularização da leitura se faz cada vez mais necessária.

Considerações finais

Fatores limitadores da leitura não faltaram em toda sua história. Esses fatores em grande parte envolviam as populações de classes baixas, pois já se pensou que eles não eram dignos de certas leituras realizadas apenas pelas classes mais altas, ou que a leitura era apenas um privilégio da igreja e/ou da nobreza. Nos dias de hoje ela continua sendo limitada, seja pelo seu alto custo, pois como já falado, ler custa caro (os altos preços dos livros são desencorajadores); seja porque as bibliotecas existentes, e que compensariam o alto custo do livro, quando existem encontram-se em condições precárias. Ou até mesmo porque os projetos envolvendo a leitura ainda não conseguem suprir as necessidades acumuladas ao longo da história dos livros e da leitura.

Além das más condições físicas das bibliotecas, outro fator limitador da leitura nos dias atuais é a sua má utilização. Não é raro encontrar profissionais despreparados, que visão mais o lado técnico desse espaço do que o educacional, o cultural ou o próprio lazer. Por trás de tudo

isso, encontramos o histórico da segregação que se arrasta e se emprega até os dias atuais. A leitura se põe como um instrumento perigoso, que pode ameaçar e que pode “libertar”, por isso a “crise na leitura” permanece sem ainda encontrar uma solução final.

A leitura é uma forma de obter conhecimento, é uma prática de fazer perceber e compreender, e pode se tornar um instrumento de emancipação do indivíduo perante o sistema que rege a sua vida. Esse sistema, na visão de alguns teóricos, visa manter a hegemonia dominante, reproduzindo indivíduos acríticos e não questionadores, e tende a reproduzir trabalhadores conforme sua classe social. Esse processo visa começar já na infância através da escola, sendo executado a partir do chamado currículo oculto.

Teóricos como Ezequiel Silva, Gramsci e Paulo Freyre entre outros, afirmam que a leitura é um instrumento eficaz para combater esse sistema. Assim focamos nesta pesquisa em como a leitura influência no desempenho escolar; pois se quem planeja e está à frente da educação são pessoas pertencentes a uma elite, resolvemos optar pela leitura, que também sempre ligada a essa classe, pra ver se ela quando apropriada por indivíduos de outras classes sociais, pode funcionar como uma ferramenta de inserção nesse sistema. Sendo que esse sistema dominante começa a ser aplicado já na escola, é lá que resolvemos pesquisar o papel que a leitura pode exercer no desempenho dos alunos. Sabemos que seu desempenho não se resume apenas em suas notas, mas infelizmente nos sendo apenas esse o dado disponível, direcionamos nossa análise sobre elas.

Os resultados de nossas análises mostraram-nos que a leitura recreativa quando realizada por vontade própria, tende a exercer um papel positivo no desempenho final dos alunos. A leitura recreativa quando associada a outros fatores, como o estudo da matéria dada pelo professor e a realização das atividades pedidas por ele, pode auxiliar o aluno a ter um melhor desempenho em sala de aula, tirando melhores notas e tendo maiores índices de aprovações do que os alunos que não realizam esse tipo de leitura. Mas bem sabemos que os livros que se encontram na biblioteca escolar não possuem um pô mágico que irá fazer com que as crianças que os peguem, consigam num passe de mágica tirar melhores notas. Devemos pensar que a criança que já está habituada a uma rotina de leitura, feita por conta própria, irá ter mais fa-

cilidade ao se deparar com os textos dados pelo professor, assim como ele poderá passar a ler mais seu caderno, e sanar assim eventuais dúvidas com o professor. Desta forma ele irá se preparar melhor para as atividades avaliativas; o estudo para esses alunos pode se tornar menos “penoso”. A leitura recreativa também pode auxiliar no desempenho dos alunos, quando ela é realizada em decorrência do interesse por determinado assunto da disciplina, como no exemplo presenciado da leitura do “Diário de Anne Frank”. Desta forma a matéria será complementada pela leitura desse material procurado por livre vontade. Logo é esse o ponto em que a leitura recreativa irá auxiliar o aluno a ter um melhor desempenho.

A leitura quando feita a desígnio escolar, tende a assumir um caráter de obrigação, e desta forma como tudo o que ganha esse caráter, ela será realizada de uma forma mal feita, não exercendo assim uma influência positiva no desempenho final dos alunos.

O papel do professor em relação à leitura necessita então ser trabalhado, uma vez que sua influência é eficaz tanto no que diz respeito à formação de um novo grupo de leitores, quando ao próprio desempenho dos alunos em sala de aula. Esse ato de conscientização de seu papel deve, porém, ser trabalhado com o professor ainda enquanto discente. Além de que esse papel de influenciador da leitura não deve ser aplicado apenas aos professores de língua portuguesa ou história, por exemplo, e como muito erroneamente se pensa. Os professores de todas as disciplinas deveriam assumir essa função. Mas como isso pode acontecer se em grande porcentagem os próprios professores não conhecem nem mesmo o acervo da biblioteca das escolas onde lecionam? Como eles podem agir como agentes influenciadores se os próprios não realizam leituras recreativas, seja por falta de tempo hábil, seja pelo próprio desgosto, ou pelo “desconhecimento” do papel que a leitura realiza? Esses professores necessitariam passar por um projeto de conscientização em relação as suas representações e práticas envolvendo a leitura, como o elaborado por Saveli (2001). Os professores parecem não ter consciência de sua influência direta em relação aos alunos e a leitura. Como trabalhado no terceiro capítulo, pudemos ver que das leituras e dos empréstimos feitos no ano de 2012, alguns deles eram de obras comentadas pelo professor em sala de aula.

O que também deve ser trabalhado é com o

profissional responsável pela biblioteca, uma vez que em grande parte quem exerce essa função não é um bibliotecário, mas sim profissionais cumprindo desvio de função. Desta forma eles não se encontraram devidamente preparados para receber os alunos, para assim também agirem como agentes incentivadores da leitura.

Vemos que ainda falta obtermos muitas mudanças no que se refere à leitura, para que possamos dizer que ela não apresenta mais em sua história fatores que limitam seu acesso. Hoje o acesso a ela, é sim mais simplificado, mas ainda não existe uma conscientização sobre a sua potência. Porém, para ocorrer essa conscientização, e para que ela comece a ser repassada, é necessário que ocorram mudanças, principalmente na academia, que é o local que está formando profissionais que tem em suas mãos a oportunidade de mudar esse sistema até então empregado. Embora essa mudança deva ocorrer também no sistema político, pois ele é o maior responsável por nos encontrarmos na situação em que estamos. Se faz necessário criar projetos envolvendo a leitura, incentivando-a, e para isso é necessário a ampliação do número de bibliotecas públicas, a melhoria das escolares e das já existentes, deve ocorrer patrocínio as edições, dentre tantas outras coisas que se relacionam à leitura e aos livros. A leitura deve deixar de ser vista como uma ameaça.

Nosso trabalho proporciona muitas brechas a serem ainda pesquisadas, como por exemplo, quando constatamos que as meninas apresentam melhor desempenho que os meninos; quando vemos que um projeto de leitura realizado na escola não tem um resultado satisfatório no que se refere a número de leitores; ou quando vemos que a influência do professor é primordial no estímulo a esse hábito. Pode-se também abordar as questões políticas, sociais e econômicas que envolvem a leitura, como por exemplo, ver como a economia interfere no interesse na leitura e na aquisição de livros; ver por quantas andam os projetos políticos que contemplam democratização da leitura; ver se a escola é atingida por estes projetos, ver se, e como a escola contempla no seu cotidiano a leitura; identificar os principais resultados obtidos sobre os alunos, pela realização de projetos de leitura feito pela escola, dentre tantas outras questões, que coloco aqui a disposição para eventuais novas pesquisas.

Referências

- ABRALE. **Retratos da leitura no Brasil**. Instituto Pró-Livro. 3^a ed. 2012
- APPLE. Michael W. **Educação e Poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- BARZOTTO, Valdir Heitor. **Estado de leitura**. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de leitura no Brasil, 1999.
- CARDOSO, Giane Carrera; PELOZO, Rita de Cássia Borguetti. **A importância da leitura na formação do indivíduo**. Revista Eletrônica Científica de Pedagogia. Ano V, n. 9, 2007.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador - conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.
- CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora UNESP, 2004
- CHAUVEAU, A.; TÉTARD, Ph. Questões para a história do tempo presente – por Agnès Chauveau e Philippe Tétar. In: _____. _____. (orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP, EDUSC. 1999. p. 7-39.
- DARNTON, Robert. **A questão dos livros**. São Paulo. Companhia das Letras, 2010.
- DARNTON, Robert. **História da leitura**. In: Burke, Peter (org) A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo. UNESP, 1992
- FACHINETTO, Eliane Arbusti; RAMOS, Flávia Brocchetto. **Reflexões sobre o ato da leitura**. Estudo de caso.
- FERREIRA, Cassio Dandoro Castilho. **Leitura e literatura no século XIX**: considerações nas cartas e crônicas de Aluísio de Azevedo. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antiores/anais17/txtcompletos/sem04/COLE_4320.pdf. Acesso em 26 mai. 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A leitura Rarefeita**. Livro e literatura no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MCLAREN, Peter. **A vida nas escolas**: Uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1977

OLIVEIRA, Maria Regina Momesso de. **A leitura no século XXI**: discursos e representações. Unifran, 1998.

RIBEIRO, Wiane da Silva. Práticas de leitura no Mundo Ocidental. **Ágora**, Salgueiro/PE, v. 3, n.1, p. 34-46, 2008.

SAVELI, Esméria Lourdes. **Leitura na escola**: as representações e práticas das professoras. Dissertação (Mestrado em educação) Campinas, SP, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura & realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

SILVA, Ezequiel Theodoro. O bibliotecário e a formação do leitor. In: BARTOZZO, Valdir Heitor (org). **Estado de leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura no Brasil**. Sua história e suas instituições. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio32.html> Acesso em 28 mai. 2012.